



Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



1870

1870

Antônio Gonçalves Alins

~~OBRAS~~ POSTHUMAS

DE

A. GONÇALVES DIAS

PRECEDIDAS DE UMA NOTICIA DA SUA VIDA E OBRAS

PELO

DR. ANTONIO HENRIQUES LEAL.

VOLUME I.

- I—VERSOS MODERNOS.
 - II—VERSOS ANTIGOS.
 - III—POEMA AMERICANO.
 - IV—HYMNOS.
 - V—VOLTAS E MOTTES GLOSADOS.
 - VI—SATYRAS.
-

SAN'LUIZ DO MARANHAO.

1868.

A viuva de A. Gonçalves Dias reserva para si todo o direito de propriedade, que lhe confere a lei, sobre éstas e as obras já impressas do autor, e procederá contra quem vender exemplares das OBRAS POSTUMAS que não forem assignados pe'o impressor—Bellarmino de Mattos.

B. de Mattos

PROLOGO.

Com o lastimosissimo naufragio da barca *Ville de Boulogne* desapareceram a 3 de novembro de 1864 nas aguas da nossa bahia o infeliz poeta A. Gonçaves Dias e alguns dos seus preciosos manuscriptos. Por mais diligências que empregámos, os amigos e admiradores do poeta, não conseguimos¹ descobrir o cadaver de quem para dobrado infortunio não chegou a dar o último alento nos braços da amisade, ou logrou que seus restos repousassem na terra da patria, e nem sequer temos podido obter até hoje os escriptos que comsigo trazia, e que param, segundo estou convencido, na cidade de Alcantara em poder de quem pretende talvez algum dia apavonar-se com elles!

Das producções litterarias que pude com algum trabalho e paciencia cõlligir, já no Rio de Janeiro, já de

envolta com cartas e papeis que vieram de Lisboa baralhados com sua bagagem que por ordem e ainda em vida sua remetteram-me—sendo das poesias, umas escriptas nos primeiros annos da juventude, e outras pela mor parte verdadeiros borrões quasi indecifráveis—enfeixei-as n'estes sete volumes, que ora se publicam. Sei que, como trabalhos posthumos, teem os defeitos inherentes a taes publicações—a falta de escolha, revisão e lima do auctor. Sem ser poeta, teria comtudo a fortuna de poder delir esses senões; porque é ésta provincia rica de talentos poeticos, que se prestariam com a melhor vontade a auxiliar-me n'esse intento; porém embargaram-me em semelhante profanação o respeito e culto que tributo ao illustre escriptor, e a consciencia que me remorderia de roubar á apreciação dos leitores ésta ou aquella poesia que nos parecesse, como censores, menos digna do nome do cantor dos *Timbyras*, quando todas ellas teem o cunho do genio, e pelo menos servem para estudo da marcha e aperfeiçoamento do espirito do poeta.

Faço-as preceder de uma noticia da vida e obras do auctor, não me alongando entretanto em certas particularidades d'ella por estarem ainda fresca a sua memoria e vivos os actores que n'ellas figuraram:

mas o pouco que digo, tenho que servirá, mais do que a analyse de suas obras, para contrastear-se o genio de tão abalisado escriptor, e como de incentivo e bom exemplo para os que entre nós se dedicam ás letras.

Amigo e admirador do poeta, depositario de muitos de seus segredos e projectos, encarreguei-me da tarefa, superior ás minhas forças, de colleccionar, rever. e fazer imprimir as suas obras posthumas, certo de que me levarão em conta dos erros e descuidos o pouco tempo e descanso de que disponho, entregue como sou a sérias e laboriosas occupações de minha profissão para manter a vida de uma familia já numerosa: pois que para traçar tão dilecto trabalho houve mister escrever como que a furto e nas horas de repouso éstas linhas dictadas pelo coração e pelo amor de ver conhecidos os dotes moraes e as contrariedades que amarguraram a vida de um dos mais eminentes e célebres filhos de minha provincia.

San'Luiz do Maranhão—30 de janeiro de 1868.

A. H. LEAL.

E' mentira! não morre nem mor-
ro, nem heide morrer nunca mais
- Non omnes moriatur - como diz o
meu mestre Horacio

Tenho jornais do Rio, Bahia, e
números, que me emprestarão, e
segundo todos elles - Mortuus est
punctus in casca!

E neologias então?! Não colle-
ga escrevo.

Alto, si' um accesso d'amor,

sto poeta soberano,

Alto, lha por berço o equador

E por tumulo o oceano!

Trata-se da minha de-
functissima pessoa! Para fora

O caso é que depois do meu infan-
te passamento, vou passando sem
maior novidade, a conselho um

que vá para o estabelecimento hy-
drotherapico de Marribad Parti-
breve. No entanto, escrevo.

me, quando não tiveres muita pre-
guiça para qual quer das nossas
Legações em Paris ou Bruxellas.

Desejo muito a collecção mais
completa que se poder arranjar
de noticias funebres, necrologias &c
o que se tiver publicado acerca da
ent. morte Corta o que um dis-
cussão recpito, escreve a' margem o
nome do jornal, dia e lugar da
publicação, e sobrescripto com tudo en-
do para a mesma fallecida pes-
soa. Quero fazer um album
negro

Das aos teos, da-me noticias tuas,
se não teas meos d'almas d'on-
te mundo, aceita um abraço

do teu ool

D. Elias

BIOGRAPHIA

DE

A. GONÇALVES DIAS.

PELO

DOUTOR ANTONIO HENRIQUES LEAL.

AO DR. ALEXANDRE THEOFILO DE CARVALHO LEAL.

Consente, amigo, que inscreva aqui o teu nome para com elle apadrinhar este padrão, embora humilde e perecedouro, enquanto não o erguemos de bronze ou marmore á memória d'aquelle, cujo verdadeiro e eterno monumento são as produções de seu genio transcendente.

Teu affectuoso amigo

DR. ANTONIO HENRIQUES LEAL.

A. GONÇALVES DIAS.

I

É o poeta não raro um ente excepcional, deslocado e perdido no meio da sociedade que, não tendo a alma afinada pela sua, nem respirando o ar d'essas regiões ideaes e encantadas d'onde só se avistam dourados horisontes, não o póde comprehender nas manifestações de sua vontade, e nem, por sua parte, na lucta das paixões terrenas tem elle fôrça para resistir e vencer: e d'ahi, se uns o lastimam e outros d'elle mofam, a mór parte mal-sina seus actos, quando não os qualifica de loucos. E é assim que o poeta, parte da essencia divina, e a quem

coube em partilla o sublimé dom de arroubar-nos os sentidos com a musica da linguagem harmoniosa, com os arrojos de um pensamento fecundo e cheio d'imagens que fascinam e encantam, e com concepções emanadas de uma ardente phantasia bafejada pelo genio. tropeça e pára, se não cahe todas as-vezes que desce á terra e vê-se obrigado a viver como nós e entre nós.

No poeta, natureza dupla, não é tanto a arte como a imaginação que val: com estudo, e arte, e ouvido, pôde qualquer um, dotado de talento, compôr versos sonoros—porém descorados, sem vida, sem a inspiração que vem de cîma: será um bom metrificador, como fr. Agostinho de Macedo, nunca poeta, porque deve reunir tudo isso, e mais ainda o éstro, e sobretudo genio creador, vivificado pelo sentimento do bello, esse sexto sentido que nasce com elle, não menos que pelo espirito philosophico para dominar a materia, e pela sensibilidade e tanta e tal imaginação que o arrebatem e abysmem n'esses extasis d'onde resultaram os *Psalms* de David, o *Cantico dos Canticos*, as *Lamentações*, e tudo quanto de mais sublime applaudimos já na *Biblia*, já na *Illiada*, na *Jerusalem*, no *Paraiso Perdido*, nos *Lusiadas*, nas *Peregrinações*, nas *Meditações*, nas *Odes e Balladas*, e nos *Cantos*. Esse sentir profundo e pun-

gente, esse amor infinito e sem reserva, esses receios, e rancores, e ciúmes exagerados, e muitas vezes infundados são as modulações que ferem as cordas da lyra e fazem-nas irradiar em sons que, enlevando-nos, tornam entanto o poeta desgraçado e martyr. Morre a borboleta esvoaçando ao redor da chamma, que a attrahe e lhe cresta as azas, e o poeta, novo Prometheu, escravo de seu destino que o fadou para gemer, vae em seis cantos, pedaços d'alma, quanto mais sentidos e sublimes, tanto mais depressa esgotando a vida. Póde arrastar-se n'este mundo até alvejar-se-lhe a fronte, se a vida lhe sorriu feliz, placida e sem nuvens, e se, humanizado a tempo, conversou mais com os homens do que com as musas; se a desgraça, porém, bafejou-lhe o berço e o acompanhou por todo o decurso de sua peregrinação na terra, se a lucta substituiu á convivência, e o soffrimento aos prazeres, e se não teve energia bastante para resignar-se á sua sorte, vencer preconceitos, e ver o amor em que resumira sua felicidade fugir-lhe sem remedio—não ha'hi constituição que resista a tão repetidos golpes. A harpa soará mais vibrante: sons mais cadentes e harmoniosos, mais apaixonados e saudosos sairão d'ella, porém as cordas ir-se-lhe-lião estalando uma a uma até que deixe de

vibrar e o cantor pereça de pura inanição. Era Gonçalves Dias um d'esses genios. Liberalisou-lhe Deus o precioso dom da poesia, temperando-lhe, porém as cordas do alaude no fel amargo do infortunio.

Quem o visse prasenteiro, senão galhofeiro, a pairar-lhe de continuo nos labios o riso, a entresachar a conversação com dictos picantes e a dar a perceber em seus actos certa volubilidade de quem gosa o mundo como elle é e se apresenta, ignoreria os esforços que empregava para conservar essa placidez apparente! Mas os que o conversaram e conheceram de perto desde a infancia, os raros que com elle segredaram, lamentavam o seu mesquinho fado e comprehendiam os negrumes que lhe iam pela alma, e sabem que eram suas mais inspiradas estrophes os prantos amargurados e as dores excruciantes de desgostos profundos e de contrariedades sem fim rebuçados com a leda mascara dos risos e de certa leveza d'espírito, bem como occultam os nossos lagos na serenidade de sua superficie as luctas e mysterios dos tremendos habitantes que os povoam. Muitos de seus versos, os mais bellos, são a expressão d'essas dores, ou como elle proprio o disse:

«E a dor, é o soffrimento, é o espinho da vida a entranhar-se pelo coração que nos arranca um grito a que se chama—ode

ou poema. — Quem soffre póde não ser poeta, mas o poeta duvidado que não soffra.»¹

Então aventei em que a vida inteira
Do bardo era um perenne sacerdozio
De lagrimas e dor!².....

E éstas dores e soffrimentos nem sempre foram acceitos com a resignação que eu n'elle reconhecia e lhe admirava. A 31 d'agosto de 1845 escrevia de Caxias ao seu melhor amigo ou antes irmão como se aprazia chamar o sr. dr. A. Theofilo:

«Por ventura tenho eu alguem que me comprehenda a não seres tu? Os outros observão apenas a superficie e dizem—é um caracter leviano que não sabe sentir! Muitos me julgão assim—eu o sei—mas que me importa o seo juizo a meo respeito? Talvez que eu mesmo estime—a minha vida é soffrer—é phantasear dores e soffrimentos: eu bem sinto que isto tem muito de vago, muito de loucura, mas o que é certo é que soffro. Queres mais? Pois que estamos com esta materia, bom é que eu te re-

¹ Carta escripta ao sr. dr. A. Theofilo de Carvalho Leal a 4 de novembro de 1846. Cumpre-me aqui agradecer não só a este bom amigo, como á exm.^a senr.^a D. Olyupia da Costa Goncalves Dias, mui digna viuva do poeta, e aos senrs. dr. Pedro Nunes Leal, tenente-coronel João Baptista Ramada e capitão Domingos Desiderio Marinho, de Caxias, as informações que ministraram-me para ser exacto n'este trabalho.

² Ao Sr. João Duarte Lisboa Serra, PRIMEIROS CANTOS, pag. 451 da edicção do Rio de Janeiro de 1846.

vele tudo. Momentos ha na minha vida—não digo de melancolia porque raras vezes a sinto—agora—mas de desespero tão sombrio e intenso, em que até a tua amizade se me torna um tormento, porque então eu queria ser só—queria recoser conmigo meos pensamentos—saciar-me de soffrer—mas eu só! Porque esta nossa amizade tão bella, e de que eu tenho orgulho, principiou com soffrimento, e queira Deos que não acabe em soffrimento, como eu julgo—porque ha horas durante a noite em que me tenho por um fraco para viver. Viver! Talvez não saibas, ha vidas ignoradas que passão sobre a terra com mais ânimo do que um guerreiro em dia de batalha—ha instantes tenebrosos em que é preciso um grande esforço de virtude para que se não ceda á vertigém—á attração do suicidio.

Foi seguramente em um d'esses momentos que exclamou:

«Meo peito de gemer já está cansado,
 Meos olhos de chorar;
 E eu soffro ainda, e já não posso alivio
 Sequer no pranto achar!

.....

E agora o que sou?—Pallido espectro,
 Que da campa fugio;
 Flôr caifada em botão—imagem triste
 De um ente que existio.....

Mas seu espírito eminentemente religioso e christão arrependeu-se logo da blasphemia que a seu pezar lhe arrancára a dôr, e elle assim termina com estas bellas estrophes:

«Não escutes, meo Deos, esta blasphemia:

Perdão, Senhor, perdão!

Minha alma sinto ainda,—sinto, escuto

Bater-me o coração.

Quando roja meo corpo sobre a terra,

Quando me afflige a dôr,

Minha alma aos céos se eleva, como o incenso.

Como o aroma da flôr.

E eu bendigo o teu nome eterno e sancto.

Bendigo a minha dôr,

Que vai além da terra—aos céos infindo—

Prender-me ao Creator.¹

Os pezares, que lhe torturavam o coração e tornaram seus dias

—«lacrimosos, tristes,

Como a noite que estende as negras asas

Por ceo negro e sem fim,²

¹ PRIMEIROS CANTOS, *Soffrimento*, de pag. 97 a pag. 99, da 1ª edição do Rio de Janeiro—1846.

² Veja-se *A minha musa*, PRIMEIROS CANTOS, edição de 1846, pag. 55.

eram, uns reaes, outros ficticios e produzidos «pela imaginação, como se a realidade já não fosse por si bastante penosa, ou que o espirito, affeito a certa dóse de soffrimento, se sobresaltasse de sentir menos pezada a costumada carga¹»; e alguns afeiados por malevolos, todos porém sentidos pelo poeta. São em grande parte segredos que só a elle pertenciam e nem precisa o biographo, para ser fiel e minucioso, trahir o amigo e revolver-lhe as cinzas, que nem ao menos descansam em terra abençoada!

¹ ULTIMOS CANTOS—*Dedicatória*, pag. III, ou pag. 427 dos CANTOS, 2.^a edição de 1857.

II

Se bem que de todas as provincias do imperio brasileiro não fosse a do Maranhão a que offercesse mais tenaz resistencia ou em que se ferissem os mais sanguinolentos combates pela causa da independencia, ainda assim não foi sem lucta prolongada e porfiosa, às vezes incarnicada e com effusão de muito sangue generoso, que os lidadores da patria conseguiram varrer do nosso sólo o dominio extranho, e plantar n'elle a viridante arvore da liberdade. As tropas expedicionarias do Ceará e Piauhy, que contavam por marcos miliares da sua marcha triumphal o Crato, Icó, Oeiras e Mattões, vieram esbarrar d'encontro às fortificações do Morro da Taboca ¹ e de Caxias, que, altiva, resistiu ao

¹ Conhecido hoje por *Morro do Alecrim*, depois que Gonçalves Dias immortalisou-o em seus *Primeiros Cantos* com o nome

embate das armas patrióticas, oppondo ao denodo e entusiasmo do capitão-mór José Pereira Felgueiras e das forças independentes, que assim se appellidavam os libertadores, o sangue-frio e valor do major José da Cunha Fidié e das tropas aguerridas e disciplinadas da metropole, e o poderoso auxilio de grande parte da população, compôsta na sua maioria de negociantes portuguezes e de não poucos brasileiros que por conveniencia ou temor seguiam suas partes.

Cançada e abattida por dous mezes de duro cerco, pela fome e por mil privações. e sobretudo minada pelas dissensões de alguns que, embora combatessem pela mãe-patria, almejavam a independencia e a liberdade de que já gosava o resto da provincia, reudeu-se Caxias no dia 1.º d'agosto de 1823, marcando a auro-ra d'esse bello dia, como diz o poeta, um padrão de glória

«Que os vis grilhões d'escravos vio partidos.» ¹

Mal segura a tranquillidade, e ainda entregue Caxias aos sobresaltos de tão recentes luctas e aos bulícios

do denodado independente João da Costa Alecrim, que o illustrou com suas façanhas.

¹ Veja-se á pag. 89 d'este volume, e 168 dos ÚLTIMOS CANTOS.

dos folguedos da victória, eis quando ao amanhecer
do dia 10, na

..... hora em que a flor balouça o calice

Aos doces beijos da serena brisa.

.....

▶ Quando o sol vem doirando os altos montes,

E as ledas aves à porfia trinam ¹

veio casar-se ao hymno dirigido ao rei dos astros pelas
aves multicôres e canoras e pelas flores matizadas e
odorosas dos nossos bosques, e ao despertar festivo
de um povo ha pouco livre os primeiros vagidos de
um menino, que assim saudava as harmonias da sua
terra e do seu ceo, para mais tarde immortalisal-as
na sua lyra d'oiro, elle que nascia com a patria, como
Camões desaparecêra com a sua, ficando assim paten-
te que se Deus na sua piedade, como quer o sr.
Alexandre Herculano, ² manda genios summos ás na-
ções que teem de morrer para lhes alumiar o sepul-
chro, tambem na sua bondade os envia para realçar o
brilho d'aquellas que surgem.

Não vio Gonçalves Dias a luz em doirados tectos.

¹ Os TYMBIRAS. *Canto III*, pag. 45.

² Prologo da *Paqueta*, poema do sr. Bullão Pato.

antes teve tambem o seu presepe, nascendo em humilde choupana, no sitio Boa-Vista¹, nas terras do Jatojá, retiradas da cidade cerca de quatorze leguas, e para onde se homisiára o pae, já para furtar-se ao pagamento da quota que lhe coube na contribuição, a que se procedêra por ordem da juncta da Delegação Expedicionaria, em consequencia da capitulação de 31 de julho, já para poupar-se ás atribulações e perseguições que temia da soldadesca e populaça, que certo não o poupariam, postoque houvesse adherido á independencia, por ser portuguez de nascimento e ter mais ou menos contribuido por seus conselhos para a resistencia da cidade.

Era seu pae, como já disse. o negociante portuguez João Manoel Gonçalves Dias, homem de alguma leitura e de tracto ameno, embora um pouco rispido e severo na educação dos filhos, isto mais pelas ideas da epocha e do logar onde habitava, do que por indole: e sua mãe, que ainda vive, Vicencia Mendes Pereira, mulher de côr um tanto acobreada, e que, abandonada do

¹ O sitio da Boa-Vista está abandonado e reduzido a completa *tapéra*, e tanto elle como as terras pertencem hoje aos herdeiros de Clemente Joaquim da Silva e de seu irmão Elenterio Clementino da Silva, então proprietarios das terras do Jatojá.

marido, sem que ella dêsse para isso motivo algum, antes da má indole e desapêgo d'elle, convivia já ha tempos com João Manoel. Corria pois nas veias do poeta o sangue misturado das tres raças—europea, india e africana—que habitam o Brazil, e se, nem a legitimidade do berço, e mênos a pureza do sangue lhe permittia sahir do circulo de ferro traçado por preconceitos e habitos arraigados em uma população desigual e onde o elemento servil ali está, em mal! sempre presente para aviventar-os, dotou-o Deus com o condão que fez despedaçar essas cadeias, para que elle fosse entre os brazileiros um dos primeiros na verdadeira nobreza—a do genio—que ninguem outorga, nem se almoeda, e que annulla distancias de nascimento e obriga plebeus e nobres a curvarem-se ante elle e a applaudirem áquelle que tem a boa ou má ventura de o possuir.

Mal viera Gonçalves Dias á luz, ainda mettido nas faixas, e já seu pae, que vivia receioso dos rancores de mal intencionados populares, não se julgando seguro mesmo nas brenhas onde morava mais tempo do que no sitio escuso para onde se refugiára com o irmão, abalava no cabo de um mez depois do nascimento do filho para esta capital, embarcando-se d'aqui para Portu-

gal, residindo alli a maior parte do tempo em Traz-os-Montes, de onde era natural.

Saudades da patria adoptiva e do filho não consentindo que alli se detivesse por muito tempo, eil-o que volta em 1825 para o Maranhão, indo continuar em Caxias a vida commercial, e tomando para casa Vicencia e o filho, até que em maio de 1829 casou com a exm.^a senr.^a d. Adelaide Ramos d'Almeida, que ainda vive,⁴ levando comsigo, apesar da reluctancia e esforços que contra tal intento empregasse a desolada mãe, o menino Dias, para educal-o. Dura separação, em verdade! Quando mais carecia elle do conchego e dos carinhos maternos, e não estava ainda em idade de supportar rostos desconhecidos, que por mais que se desvelassem por elle, não podiam substituir o illimitado amor e a complacente e sollicita ternura de mãe, que tudo desculpa, prevê e resguarda, é d'ella arrancado! E neste desquite viveu elle até 1845, quando regressou da Europa, onde curtiu agras saudades de uma ausencia forçada. Avesinha «educada nas floridas selvas», roubada ao ninho materno, e aos

⁴ Foram fructos d'este consorcio e ainda vivem—José Gonçalves Dias, João Manoel Gonçalves Dias e D. Joanna Gonçalves Dias, esposa do sr. dr. Odório Antonio de Mesquita, e no numero dos mortos conta-se Domingos Gonçalves Dias. São estes os irmãos do poeta pelo lado paterno.

folguedos livres dos bosques, para vir habitar, dentro de uma cidade, a casa paterna que lhe era estranha e onde tinha de obedecer a outra a quem não podia dar o doce nome de mãe, como não havia de soffrer, com aquella alma terna e tão sensivel á saudade! Essas dolorosas recordações e o infeliz accidente de seu nascimento fizeram-n'o mais de uma vez, como Job, mal-dizer o dia de seu nascimento:

..... Antes meo berço,
 Que vagidos de infante vivedouro
 Os sons finaes de um moribundo ouvisse!¹

E em outra occasião:

3

«Senhor porque do nada me tiraste,
 Ou porque tua voz omnipotente
 Não fez seccar da minha vida a seve
 Quando eu era principio e feto apenas?»²

Vivo, atilado e travesso como poticos, viu-se o pae obrigado, contra os usos em voga, que não admit-tiam que de tenra idade se mettessem livros nas mãos

¹ *O Templo*, pag. 169 dos CANTOS, 2.ª edição allemã, 1857.

² Vejam-se—PRIMEIROS CANTOS, pag. 152 da edição do Rio de 1846.

das creanças, a fazel-o em 1830 frequentar a aula de primeiras lettras do professor José Joaquim d'Abreu, recommendado principalmente pela excellencia de sua calligraphia, que transmittiu ao nosso poeta, como o attestam o fac-simile que dou em outro logar d'êsta noticia, e ainda melhor as cartas dirigidas aos que com elle entretiveram correspondencia. Se como elle ninguem trepava em arvores, armava laços aos passarinhos, corria, nadava e inventava mil travessuras, tambem nenhum o ganhava em adiantamento no pouco que se estudava em sua eschola.

Sabendo em 1833 tudo quanto ensinava-se então nas aulas primarias, e julgando-o seu pae habilitado para fazer d'elle um bom caixeiro, tomou-o para a loja, entregando-lhe a escripta, que era por partidas simples. Era para ver como elle tamanino, que mal apparecia-lhe a cabeça por traz do balcão, não se deixava embair pelos freguezes, levando-lhes a melhor em dictos picantes e respostas adequadas. O tempo que ao menino Dias sobrava de aturar freguezes, entretinha-se elle com outro da mesma idade, tambem orpham, e companheiro de travessuras, de nome João Baptista ¹ em ler tudo

¹ Hoje o sr. tenente-coronel João Baptista Ramada.

quanto de Marmontel, Montolieu e Ducrai-Domesnil lhes cahia debaixo da vista.

São os nossos sertanejos, pela vida solitaria que levam a mor parte do tempo, pelas viagens longiquas e a través de campinas desertas, pelo genero d'indústria a que se dedicam, curando de gados e luctando não raro com reptis e onças, pela rudeza e franqueza de seu character, e indole hospitaleira, uma especie de beduinos, e como tal amigos de contos aventureiros e de narrações de façanhas extraordinarias, e por isso é para elles um livro mimoso e predilecto a *Historia do Imperador Carlos Magno e dos doze pares de França*, que lhes anda nos alforges, como o *pabulum vite*, ainda que não saibam ler; e não ha maior e mais relevante serviço que se lhes preste do que ler-se-lhes um d'aquelles capitulos mais cheios de aventuras e combates com gigantes. Gonçalves Dias era um dos mais bemquistos leitores d'aquelles homens das brenhas, frequentadores de Caxias, como emporio do commercio do sertão, e alli lhe apparecia, entre outros, um velho, sabido em contos maravilhosos e nas façanhas de Roldão, de Oliveiros, de Ricareto, de Bernardo del Carpio, e de outros célebres personagens da *Historia de Carlos Magno*. Não descançou Gonçalves Dias em quanto o

pae lhe não levou d'êsta cidade tão precioso thesouro. Quando não tinha freguez para aviar, agarrava-se ao livro de seus sonhos, e era lê-lo e commental-o, sem que saciasse a sua curiosidade, até que o pae, lido seu tanto, tirou-lhe as illusões, fazendo-lhe comprehender que eram phantasiosos todos aquelles combates e encantamentos, e deu-lhe para correctivo a *Historia de Portugal* por Laclede e a *Vida de D. João de Castro* por Jacintho Freire, e conhecendo que o filho não era talhado para medir chitas aos covados e manteiga aos arrateis, fel-o de junho de 1835 em diante frequentar as aulas de latim e francez do professor Ricardo Leão Sabino, sem comtudo retiral-o de todo do balcão. Sabino, homem intelligente e perspicaç, reconheceu para logo o talento do discipulo, e aconsellhou ao pae que o applicasse às sciencias, no que assentiu este, trazendo-o comsigo para a capital em maio de 1837, para d'êsta cidade transportal-o em sua companhia para Portugal, onde ia procurar, senão restabelecimento, ao menos alívio aos seus padecimentos pulmonares; mas foi-se aqui aggravando a molestia de João Manoel até que a 13 de junho d'esse anno expirou nos braços do filho, que foi pungido por

. essa *dôr que não tem nome*,
 De quando sobre as bordas de um sepulchro
 Anceia um filho, e nas feições queridas
 D'um pae, d'um conselheiro, d'um amigo
 O selo eterno vaç gravando a morte!
 Escutei suas ultimas palavras,
 Repassado de dôr!—juncto ao seo leito.
 De joelhos, em lagrimas banhado,
 Reccebi os seus ultimos suspiros.
 E a luz funerea e triste que lançaram
 Seus olhos turvos ao partir da vida
 De palido clarão cobrio meo rosto.
 No meo amargo pranto *reflectindo*
 O *cançado porvir que me aguardava!* ¹

(SAUDADES A MINHA IRMÃ).

Orpham, só, sem arrimo, e tão verde em annos, regressou acabrunhado e sem esperanças para Caxias: mas sua madrasta, que o estimava, e venerava a memória do esposo, e via-se instigada por outro lado pelo juiz de direito da comarca, o sr. dr. Antonio Manoel Fernandes Junior, hoje desembargador, que se offerecêra para obter da nossa assemblea legislativa provincial, de que era membro, um subsidio para auxiliar Gonçalves Dias nos es-

¹ CANTOS, 2.ª edição allemã: pag. 639.

tudos superiores, ou ainda mais pelos generosos offerecimentos d'este, do professor Ricardo Sabino, do coronel João Paulo Dias Carneiro, e dos drs. Luiz Paulino Costa Lobo e Gonçalo da Silva Porto, para contribuírem com uma mensalidade que assegurasse a subsistencia do intelligente menino na universidade de Coimbra, o certo é que a exm.^a senr.^a D. Adelaide Ramos, recusando quaesquer auxilios, resolveu mandal-o para a Europa, proporcionando-lhe os meios pecuniarios, e fazendo-o partir de Caxias com destino a Coimbra no dia 13 de maio de 1838, e a ésta ausencia refere-se elle nos seguintes sentidos versos:

Parti, dizendo adeos á minha infancia,
 Aos sitios que eu amei, aos rostos caros
 Que eu já no berço conheci,—áquelles
 De quem máo grado a ausencia, o tempo, a morte,
 E a incertesa cruel do meo destino,
 Não me posso lembrar sem ter saudades,
 Sem que aos meos olhos lagrimas despontem.
 Parti: salquei as vagas do oceano:
 Nas horas melancolicas da tarde
 Volvendo atraz o coração e o rosto,
Onde o sol, onde a esp'rança me ficava.

Misturei meos tristissimos gemidos

Aos sibilos dos ventos nas enxarcias! ¹

(*loco cit.*)

Seguin d'aquí para Portugal, em companhia de seu correspondente, o ferreiro Bernardo de Castro e Silva, que se retirava de Caxias com alguma fortuna para a Figueira, terra do seu nascimento.

Em outubro d'esse mesmo anno já se achava o nosso poeta em Coimbra, sonho doirado de sua infancia.

¹ CANTOS, 2.^a edição allemã de 1857—pag. 640.

III

Era a universidade de Coimbra, antes das faceis e rapidas communições estabelecidas pelos paquetes a vapor entre ésta e as provincias, em cujas capitaes acham-se as nossas faculdades scientificas, o centro quasi exclusivo para onde convergiam os maranhenses que aspiravam á carreira das sciencias, obtendo os mais intelligentes grande proveito de uma tal frequencia, por isso que recebiam na convivencia e nas palestras dos collegas e professores das diversas materias, que alli se liam, maior somma de luzes e de conhecimentos, e robusteciam-se nas que eram proprias de seus estudos e nas humanidades ou preparatorios que são as verdadeiras e solidas bases dos que se prezam de saber, principalmente na lingua patria, em que sempre timbrou a mocidade coimbricense, e é ao que attribuo

o gôsto que temos os filhos d'êsta provincia pela leitura dos classicos, tão entusiastamente manuseados e aproveitados pelo illustre interprete de Virgilio, Manoel Odorico Mendes, e por aquelles que, como João Francisco Lisboa e o snr. Francisco Sotero dos Reis¹ mais de perto o conversavam: e se da universidade colhiam os estudiosos uteis fructos, não menos deliciosos e sazonados obtinham de Coimbra os predilectos das musas.

Terra das tradições e das sciencias, com tua antiga universidade, monumento magestoso e venerando, cheio de honrosas e sábias recordações, tu, qual atalaia aos estudantes que te demandam, deixas descortinar de larga distancia tua torre e observatorio, ou antes qual castello roqueiro, elevado na cumiada da cidade que em amphitheatro vae descendo até o rio, habitada nas tuas eminencias pelos mancebos que te frequentam, e nas fraldas do monte aquém do arco do Almedina pela população commercial e industriosa, que foge d'aquelles que soltos e folgazões tornam-se às vezes

¹ Auctor das *Postillas de Grammatica Geral*, da *Grammatica Portugueza*, da traducção dos *Commentarios de Julio Cesar*, e do *Curso de Litteratura Portugueza e Brazileira*, obras éstas que revelam o talento e o summo conhecimento que tem o auctor da bella e harmoniosa lingua de Camões e de fr. Luiz de Souza.

pelas travessuras proprias da idade temidos dos que vivem prudentes e socegados na labutação de suas occupações diuturnas; com teus castellos e mosteiros em ruina a rememoraremí godos e arabes, e os tempos heroicos que já lá foram da antiga monarchia portugueza, quanto não iucitas a imaginação ardente da mocidade a embebecer-se nos eucantos dulcissimos da poesia, espairecendo a vista por montes e valles sombreados e floridos na primavera e no estio, com a tua *quinta das Lagrimas* de onde se enxergam os campos e ruinas do mosteiro de Sancta Clara, e em cuja extrema demora a *Fonte dos Amores*, trazendo a estes sitios melancholicas e saudosas memórias dos infelizes amores de Iguez e de seu principe?! E para mais seducções, com o Mondêgo placido e sussurrante a lamberte as praias e a murmurar-te em torno queixosas endeixas, convidando os poetas a virem pedir inspirações ás suas limpidas aguas ou ás suas pittorescas margens povoadas de choupos, de salgueiros e de álamos, de entre os quaes se destacam os eucantadores sitios da *Lapa dos Esteios*, da *quinta das Cannas* com a da *Boa-Vista* em frente, e o *Penedo da Saudade* de onde os olhos namorados se dilatam pelo valle das Oliveiras e mais além descobrem a *quinta do Cidral* com

suas laranjeiras perfumadas e fonte d'aguas puras!

Foi ali que Ferreira, Sá de Miranda e Camões sagraram-se poetas e meditaram parte de seus mais sublimes versos; foi ali que Almeida Garrett e Castilho adejaram os primeiros vôos com que depois em arrojado impeto subiram ás mais elevadas alturas onde permaneceram, entoando d'alli os vigorosos cantos, que tanto nos deliciam, e foi tambem ali que o nosso poeta, na convivencia de Serpa Pimentel, de João de Lemos, de Couto Monteiro, de Bessa e d'outros

.....novos cysnes

Que a fonte dos amores meigos cria ¹

compoz os seus primeiros ensaios e adquiriu toda essa pompa e brilho que manifestou ao depois em seus *Cantos*.

Quantas vezes solitario, já em baixel ligeiro e ao sabor da corrente, já sentado na *Ponte*, ou no *Penedo da Saudade*, não se perdia em profundas meditações que n'elle produziam os prateados raios da lua, coados por entre os castanheiros e animados pelas

.....auras encantadas

Que entre os seus salgueirae moram loquaces? ²

¹ Pag. 213 dos *CANTOS*, 2ª edição allemã de 1857.

² Pag. 613—idem.

e que lhe traziam saudades da patria, com suas palmeiras e aves, com seu céu recamado de estrellas, suas varzeas de flores, e seus bosques cheios de vida, e sua vida não menos cheia d'amores, sem esses invernos tão tristes que lhe enlutavam a alma e assim faziam-n'ò prantear:

..... «Ao vêr nublado
 Um ceo d'inverno e as arvores sem folhas,
 De neve as altas serras branqueádas,
 E entre esta natureza fria e morna
 A espaços derramada pelos valles
 Triste oliveira, ou funebre eypreste.
 O coração se me apertou no peito.
 Arrasados de lagrimas os olhos,
 Segui no pensamento as andorinhas
 Nos invejados vòs!—proeuravam,
 Como eu tambem nos sonhos que mentiam.
A terra que um sol calido vigora,
 E em frouxa languidez estende os nervos:
*Patria da luz, das flores!*¹

E ahí descantava sua singela e saudosa *Canção do Exílio* em que, comparando as bellezas da sua pa-

¹ Pag. 614 dos CANTOS, 2.^a edição alleman de 1857.

tria com as do paiz extranho onde estava, dá com razão a primazia áquellas e repete que sua

..... terra tem primores,
 Que taes não encontro eu cá;
 Em seismar sósinho á noite
 Mais prazer encontro eu lá;
 Minha terra tem palmeiras
 Onde canta o sabiá.

Não permitta Deos que eu morra
 Sem que eu volte para lá;
 Sem que desfracte os primores
 Que não encontro por cá;
 Sem qu'inda aviste as palmeiras.
 Onde canta o sabiá ¹

Chegado o poeta a Coimbra, matriculou-se sob nº 7 na segunda aula de latim, ou de latinidade do Collegio das Artes, hoje Lyceu, regida então pelo illustrado professor Luiz Ignacio Ferreira, perfeito conhecedor da litteratura classica, abalisado latinista, e em todo o ponto o opposto do professor da primeira aula, o bom padre Bernardo Joaquim Simões de Carvalho.

¹ PRIMEIROS CANTOS. edição do Rio de 1846. pag. 40. e CANTOS (1857) pag. 4.

com quem morou Gonçalves Dias este e metade do seguinte anno, frequentando particularmente e com muita distincção e aproveitamento as demais disciplinas escolares exigidas como preparatorios para o curso de direito.

Tinha então Gonçalves Dias quinze annos; parecendo menino na estatura, no porte e nas feições, e merecendo geraes sympathias pelas maneiras singelas e affaveis, pela graça e infinito espirito na conversação, e pelo testemunho de sua capacidade não vulgar comprovada pela promptidão e acêrto das respostas, bem como pelas magnificas lições que dava; por tudo isso chamou sobre si a attenção dos estudantes da Universidade, tanto que foi alli apparecer como para logo divulgar-se a fama do *esperançoso menino do Maranhão*.

Quando em outubro¹ do seguinte anno voltaram de ferias os que já conheciam o poeta e esperavam achalo matriculado, souberam com mágoa que por falta de meios que lhos não podia a madrastra fornecer com a precisa regularidade por estar a provincia entregue aos

¹ Convém que saibam para melhor comprehensão do que refiro que o anno lectivo da Universidade de Coimbra váe de outubro de um anno civil a maio do seguinte.

horrores da rebellião, conhecida com o nome de *balaiada*¹, durante a qual foi invadida e saqueada a cidade de Caxias por duas vezes, regressára Gonçalves Dias para a Figueira no firme proposito de retirar-se para a sua terra natal.

Era o terceiro grande infortunio que vinha inopinadamente amargurar-lhe o coração com acerbos e doridos espinhos!

João Duarte Lisboa Serra² que a muita qualidade nobre e distincta junctava raro e desinteressado entusiasmo pelo merecimento alheio e particularmente pelo da mocidade brazileira, e que assaz applaudia a bella intelligencia do menino caxiense, foi quem primeiro soube da infelicidade do Dias, e propoz aos companheiros de casa que lhe offerecessem em commum cama e bolsa.

Morava elle então no Collegio dos Loyos com os srs. Alexandre Theofilo de Carvalho Leal, Joaquim Pe-

¹ Veja-se o que digo a respeito d'êsta desastrosa rebellião no 1.º volume das *Obras* de João Francisco Lisboa, de pag. XL a pag. LXXVI da biographia.

² Fallecido no Rio de Janeiro em 1855, tendo occupado antes os cargos de inspector da thesouraria da provincia do Rio, de thesoureiro do Thesouro Nacional, de presidente do Banco do Brazil, anteriormente o de presidente da provincia da Bahia: sido eleito por mais de uma vez deputado pelo Maranhão, sua provincia natal, e gozado de titulos honorificos, taes como de de conselheiro, official da imperial ordem da Roza etc.

reira Lapa, maranhenses, e José Hermenegildo Xavier de Moraes, fluminense, que acceitaram cheios d'alvoroço e contentamento, como soem accudir á actos taes aquelles a quem os annos, a sociedade e a experiencia da vida não teem ainda myrrado as nobres e generosas qualidades do coração, e menos ainda infiltrado nelle o mesquinho egoismo. «Para um só de nós, referia-nos ainda ha pouco o snr. dr. A. Theofilo, qualquer que elle fosse, não era sacrificio pesado; com tres moedas por mez viviam então os estudantes vida de principe, e qualquer dos quatro tinha muito maior mezada que essa; mas é que o convite, partindo de todos, era idéa bonita, generosa e mais que propria para desvanecer do ánimo do amigo toda a sombra de hesitação.»

Assim o fizeram, e comtudo Gonçaves Dias hesitou! e só depois de muito iustado e de cartas mui amistosas dos quatro brazileiros do Collegio dos Loyos é que resolveu-se a acceder ás instancias e offerecimentos francos e despretenciosos dos patricios, vindo apresentar-se em maio de 1840 aos exames preparatorios, aposentando-se com os amigos, que tinham então mais dous companheiros, os snrs. Pedro Nunes Leal e José Joaquim Ferreira Valle; e quando em outubro volta-

ram de ferias, assentaram que, para Gonçalves Dias não se acanhar, deveriam todos fazer-lhe uma bolsa, indo elle assistir aos Palacios Confusos, n.º 108, com o snr. José Francisco Carneiro Junqueira, o que de facto succedeu até que em novembro, tendo-se este retirado para o Maranhão, foi elle para a casa d'aquelles accrescentada já com mais dous comprovincianos, os snrs. Antonio Rego e Francisco Leandro Mendes, e sita á rua do Correio n.º 53, onde foi elle accommettido de um rheumatismo agudo que o prostrou de cama por mais de um mez.

A reluctancia de Gonçalves Dias, a que acima alludi, nascia da nimia delicadeza e melindres de seu character nobre e pundonoroso. Temia ser pesado embora a amigos, e envergonhava-se de viver d'esmolos em terra extranha, e d'isso recordava-se muitas vezes com mágoa, e ainda em 1º de maio de 1845, em um dos dias que em Caxias passou mais cheio de atribulações, escreveu elle ao sur. dr. A. Theofilo:

Triste foi a minha vida de Coimbra, que é triste viver fóra da patria, subir degrãos alheios e por esmola sentar-se á meza extranha. Essa meza era de bons e fieis amigos: embora! O pão era alheio, era o pão da piedade, era a sorte do mendigo. Mas ser desconhecido, ou mal conhecido, mas sentir dores

d'alma, e viver de tormentos como aqui — é mais triste ainda!»

D'êsta epocha, não movida de pensamento ou de obra de protecção nem de favor pecuniario, mas espontanea e exuberante, como brota o viço e o perfume das nossas mattas, grande e irresistivel como o *fiat* do Genesis surgiu entre Gonçalves Dias e o nosso estimavel amigo o snr. dr. A. Theofilo essa amizade que foi sempre a sua gratissima consolação e á qual haviam ambos no correr dos tempos de se acolher e abroquelar em mais de um triste ou duro lance da vida, e os que lerem a dedicatoria dos *Ultimos Cantos*, verão em cada linha apontados os fundamentos d'ella: «o que sou, o que for, diz elle¹, a ti o devo,—a ti, ao teu nobre coração, que durante os melhores annos da juventude bateu constantemente ao meu lado,—a aragem bemfazeja de tua amizade solícita e desvelada,—a tua voz que me animava e consolava,—a tua intelligencia que me vivificava—ao prodigio de duas indoles tão assimiladas, de duas almas tão irmãs, tão gemeas, que uma d'ellas rematava o pensamento apenas enunciado

¹ Vejam-se os *ULTIMOS CANTOS*, pag. IV, da edição do Rio de 1851, ou *CANTOS* (1857) pag. 429.

da outra, e aos pensamentos unisonos de dous corações que mutuamente se fallavão, se interpretavão, se respondião sem o auxilio de palavras. Duplicada a minha existencia, não era muito que eu me sentisse com forças para abalançar-me a ésta empreza: e agora que em parte a tenho concluido, é um dever de gratidão, um dever para que sou attrahido por todas as potencias de minha alma, escrever aqui o teu nome, como talvez seja o derradeiro que escreverei em minhas obras, o ultimo que os meus labios pronunciem, se nos paroxismos da morte se poder destacar inteiramente do meu coração.»

Neste primeiro anno do seu curso juridico, como nos seguintes, e assim como em todo o decurso da vida do poeta ninguem foi nunca mais estudioso que elle. Operario da intelligencia, nunca mediu o estudo pelo tempo—largava os livros das mãos só de puro cansaço. Magnifico exemplo para a nossa mocidade que fia a cultura do espirito mais da agudeza ingeniata com que os dotou a Providencia, do que do estudo e do trabalho paciente, consciencioso, e de todos os instantes! É a intelligencia como a terra, produz rica messe de fructos, porém somente depois de infundir-se-lhe n'ella muito capital e muito suor. Fa-

eilmente conquistou o nosso poeta um dos primeiros logares entre os mais distinctos condiscipulos. á par de Bruschy, de Cardoso Avelino, Salgueiro, Couto Monteiro, Beça Correia, Pedroso, Peixoto e Nobrega.

Não era todavia isso o que mais lhe importava-a elle, senão os seus queridos estudos de litteratura, e este anno dedicou-o inteiro ao conhecimento perfeito e profundo da litteratura franceza e ingleza, no que se fez familiarissimo.

É notavel ésta quadra nos annaes academicos. A palavra magica e poderosa de um grande poeta portuguez, filho do districto de Coimbra, José Freire de Serpa Pimentel,⁴ fuuda-se em 1838 o Theatro Academico, e d'essa associação sahe em fevereiro de 1840 a *Chronica Litteraria*, e desde então por toda aquella mocidade, mestres e discipulos, corre e lavra, como transmitido por uma prodigiosa corrente electrica, o gôsto e o fervor aos estudos da litteratura—nacional e estrangeira—em todos os graus de sua vasta escalla, sob todos os seus aspectos e fórmãs variissimas—da poesia até á hystória, do drama e do romance até á eloquencia nas aulas. Então imperava em todo o seu es-

⁴ Hoje visconde de Gouvêa e par do Reino.

plendor a reforma litteraria conhecida pela denominação de romantica, e que, tendo por campeões Chateaubriand, Victor Hugo, Lamartine, Alexandre Dumas, De Vigny, Beranger e outros em França, e em Portugal Alexandre Herculano, Almeida Garrett e Antonio F. Castilho, ia filiar-se em Shakspeare, Byron. Goethe e Schiller.

Por esse mesmo tempo cahiu entre as mãos dos estudantes brazileiros um volume dos *Suspiros Poeticos* do snr. dr. Domingos Gonçaves Magalhães. Era o pendão, era a glória d'esses mancebos, como a voz da patria que chamava a elles, filhos igualmente do Brazil—e que a nenhum outro cederam em extremos de patriotismo.

Os fanaes da litteratura portugueza, os escolhidos e imitados em materia de estylo e de lingua eram os tres já então grandissimos vultos—os snrs. Alexandre Herculano, Almeida Garrett e A. F. de Castilho, inclinando-se diversamente cada mancebo e escolliendo para mestre à este ou àquelle d'estes eximios escriptores: o seu modelo para o Dias, além de Filinto Elyσιο, era o snr. Alexandre Herculano! Como de quem havia um dia receber sem esperar a melhor consagração de poeta a que podéra aspirar, como melhor se exprime

n'aquella excellente prosa—*Sirra de prologo*—da sua edicção dos *Cantos*¹, e da qual o nosso illustrado dr. Trajano Galvão² assim dizia que—*«quanto mais lia mais admirava, porque era um dos mais bem escriptos pedaços de prosa que conhecia!*

«Merecer a critica de A. Herculano, diz elle no alludido prologo, já eu consideraria como bastante honroso para mim; uma simples mensão do meu primeiro volume, rubricada com o seu nome, desejava-o de certo; mas esperal-o, seria de minha parte demasiada vaidade.»

Como se vê, aquellas expressões de seu extremo contentamento, e de que ao snr. A. Herculano devia *«a maior satisfação que tinha experimentado na vida litteraria,»* são sinceras, do fundo d'alma e verdadeiras; já o admirava e o applaudia de ha muito como poeta e prosador excellente que é.

Appareceu Dias, pois, em Coimbra, e respirou, e viveu no meio d'esta athmosphera de enthusiasmo e

¹ Veja-se nas primeiras paginas das edicções allemans dos *CANTOS* de 1857 e d'outras posteriores a ésta.

² Era um dos nossos mais talentosos e bem preparados e lidos poetas, fallecido prematuramente a 14 de julho do anno de 1864—tão fatal ás nossas lettras. Mais contemplativo e meditador do que diligente e laborioso, poucos escriptos deixou-nos de si, e que se acham esparsos em jornaes, e no *Parnaso-Maranhense*, nas *Tres Lyras*, e n'outras publicações.

de regeneração das letras; mas apenas um ou outro dos amigos, mui raro, suspeitou de seu talento especial para a poesia, vencendo-lhe o vexame e a modestia sem igual, no segrêdo dos seus versos de creança escriptos em Caxias e na Figueira, e das suas traducções de Horacio—e a esses não foi difficil presentirem, n'aquelle imperfeito adejo, o poeta que havia de ser ainda.

E não tardou o tempo em ministrar-lhe a occasião de revelar-se tal. Com a chegada a Coimbra da noticia da aclamação do nosso actual monarchia, resolveram em maio de 1841, o punhado de brasileiros que estavam então alli, festejar e solemnisar tambem esse tão fausto successo.

Um passeio nas brandas agnas do Mondego em saiveiros ennastrados de flores e de folhas verdes, com a bandeira nacional despregada aos ventos, com muitos foguetes e vivas, e depois um banquete esplendido na *Lapa dos Esteios*, e ao cabo de tudo muita poesia, muito discurso, e muita flôr, mocidade e riso, tal foi a festa dos estudantes brasileiros.

Serpa Pimentel, João de Lemos, Lisboa Serra e muitos outros afinaram e vibraram n'essa festa as suas lyras: mas uma cousa só ficou d'ella e essa é um monumento—a arrebatada poesia que G. Dias recitou ao som do

nos: o hymno e ao estrepito de vivas e applausos dos circumstantes maravilhados e fóra de si:

Enthusiasmo ardente me arrebatá.

Eleva-se o meu estro e a minha lyra ¹

Assim começa essa poesia, a primeira, e com a que tem por titulo —*A innocencia*— as unicas que consentiu sahisse[m] publicadas em Portugal, porque tinha por devoção sua filial vir fazer no Brazil a publicação de todos os seus escriptos.

Nesse anno compoz ainda várias outras poesias, entre ellas uma em junho á morte prematura da irman de seu amigo João Duarte Lisboa Serra², a quem, ao vér pranteando, e soffrendo cruas saudades, sente

Não poder eu a tróco de meu sangue

Poupar-te d'essas lagrimas metade!

Não poder eu correr por esse mundo.

¹ Por mais diligências que fizesse, não pude obter esta poesia, que corre impressa em um folheto com outras que foram recitadas na mesma occasião.

² Vejam-se os PRIMEIROS CANTOS, — edição de 1846, pag. 133, e a pag. 24 de um folheto publicado aqui em 1852 pelo dr. João Duarte Lisboa Serra com o titulo —*A seu estremoso pae, a seus ternissimos irmãos e a todos os vorações verdadeiramente sensiveis offerece J. D. L. Serra.*

Espessas brenhas, escarpadas rochas,
 Assoberbar torrentes, e trazer-te
 As aguas do Lethis!

E essa existencia
 Que tão cara me é, t'a visse en leda,
 E feliz como a vida dos Archanjos!

Encerradas as aulas, feitos os exames, partiu Gonçalves Dias para Lisboa com o snr. dr. Alexandre Theofilo; mas ao chegarem à Figueira onde iam tomar o vapor, encontram um collega na penuria, o qual, por falta de meios, pretendia regressar para Coimbra. Não consentiram elles, e repartindo com o amigo do pouco que tinham, viram-se condemnados *à mais horriavel viagem em convez de que possam ter rezado as chronicas do mundo*, como elle a rir muita vez referiu-me.

Fome e frio, e por companheiros de martyrio soldadesca desenfreada e basto número de criminosos que vinham do Porto que n'essa noite tentaram quebrar os ferros, e immundicie por toda parte: eis os tormentos que curtiram em cumpridas horas de viagem até que aportaram à risouha cidade de Lisboa, compensando-os de tamanho sacrificio o terem compartilhado com um bom amigo do dinheiro que possuam.

Durante as fêrias, em Lisboa, a vida do Dias continuou a ser o que era e sempre foi—estudar, estudar, e entreter um namôro, como descanso ás fadigas do estudo, e que foi d'êsta vez com uma das filhas da dona da hospedaria; mas que fez-lhe perder a cabeça, tanto que esteve a ponto de casar com ella, se não fossem os conselhos de seu amigo, o snr. dr. A. Theofilo. Applicou-se corpo e alma á lingua italiana e aos classicos portuguezes, e por estudo dramatico e de declamação frequentava o theatro da rua dos Condes. Fóra d'isso, a distracção que mais amava eram passeios pelo Tejo em noite de luar, e assim o confirma no seguinte trecho de uma carta:

«Gósto de passeiar sosinho e desconhecido pelas ruas desertas e silenciosas de Lisboa. Gósto de desfructar a viraçõ de uma noite de luar depois de um dia abafado. Gósto de contemplar parte da cidade do Caes do Sodré. Os edificios que se encastellão e que se desenhão magestosos pelo mar, pelas casas circunvisinhas, figurando objectos estranhos e gigantescos.—Gósto de me embarcar em uma falúa, correr o mar, contemplar a lua, que se espelha vacillante na superfície polida das aguas. Os navios que jogão descompassados como o cavallo que escarva a terra impaciente de correr—e sobre tudo a voz do nauta que ecoa triste na solidão da noite e acorda mil outras vozes. Erão vozes estrangeiras: mas que importa? Meu co-

ração as entendia, eu tambem era proscripto como elles, e como elles tambem suspirava por um tumulo na terra de meus paes!»

Tendo recebido então da sua provincia uma boa somma, comprou, por instigação de seus antigos companheiros de casa, uma escolhida e copiosa livraria, que em Coimbra causou seu reparo.

No seu segundo anno de direito, 1841-1842, achamol-o matriculado sob n.º 12, e morando na casa da rua do Cosme, 5, com os antigos companheiros, menos João Duarte L. Serra e o snr. José Joaquim Ferreira Valle, que tinham-se havia mezes ausentado para o Brazil e sido substituidos pelos surs. Antonio Rego e Francisco Leandro Mendes, todos comprovincianos do poeta, a quem faltaram de novo recursos pecuniarios e teve de sujeitar-se á charidosa bondade dos amigos. Foram as materias de seus estudos litterarios n'este anno a historia, e a litteratura italiana: poetas e prosadores, antigos e modernos—tudo leu, tudo devorou avidamente, e tomou de cór ou por cópia não poucos trechos de Tasso, e ainda mais de Ariosto e de Dante. Era para admirar o vasto e bem aproveitado thesouro de erudição que já possuia! N'esse anno escreveu, além de muitas poesias, grande parte de um romance em que figurava e que tinha por titulo--*Memorias d'Agapito Goiaba*,

manuscripto de que li em 1846 tres grossos volumes, e que o poeta disse-me em 1861 têl-os queimado quando na Europa em 1853, por envolver factos que respeitavam a outros que já não viviam. Póde ler-se d'elles alguns magnificos capitulos de estylo e de sentimento que saliram impressos nos n.ºs 1 e 2 do *Archivo*, jornal litterario e scientifico que foi aqui publicado de fevereiro de 1846 em diante e para o qual collaboraram os snrs. Rayol, Colin e drs. Theofilo, Rego, Fabio de C. Reis, F. J. Correia, e outros distinctos maranhenses.

Nas férias e no anno lectivo de 1842-1843¹ em que, tendo recebido algum dinheiro, como já havia acontecido em 1841 e em outras occasiões, foi morar com outro collega na rua do Salvador n.º 470, defronte da casa de seus amigos, para poder com mais socêgo entregar-se aos estudos scientificos e litterarios, foi certo quando mais trabalhou e produziu. Grande parte das poesias dos *Primeiros* e *Segundos Cantos* e algumas dos *Ultimos* e das publicadas n este volume são d'êsta época, bem como o seu primeiro drama—*Patkull*, inspirado de um facto veridico aproveitado da história da Suecia do tempo de Carlos XII, um extenso poema, cujo

¹ Matriculou-se sob o n.º 110.

titulo nem já me recordo e um romance á imitação do *José Delorme* de M. de Sainte-Beuve, e bem assim outros trabalhos que inutilison, e quasi no fim do anno escreveu o drama—*Beatriz de Cenci*—que a seu tempo sahirá á lume com o *Patkull* n'êsta colleccão de suas *Obras Posthumas*; e se com tanto afan escreveu, nem por isso deixou de figurar entre os primeiros estudantes do seu terceiro anno, tendo sabido com os snrs. Bruschy, Couto Monteiro e outros de encontro ás idéas e redacção das cadernetas de direito civil escriptas e ensinadas pelo padre Liz Texeira, chegando taes polemicas entre os estudantes e seu lente á ponto de agredirem-se pelos jornaes, e dirigirem aquelles em número de doze uma representação ao govêrno contra as doutrinas do auctor das cadernetas; e principalmente por isso applicou-se com tamanho empenho ao estudo do anno, que foi uma injustiça não obter no brilhante exame, que fez, um premio ou menção honrosa, como esperava.

N'esse mesmo anno cansagrou Dias o seu culto de amores a uma formosa menina de Coimbra, cujo rosto de marfim

De carmin

Tinge um nada a eôr mimosa¹

e a quem, como nol-o diz:

Amei!—dedicãõq, ternura, extremos
Seismou meu coraçãõ, seismou minha alma²

Amei! e o meu amor foi vida insana!
Um ardente anhelar, cauterio vivo
Posto ao coraçãõ, a remordel-o.
Não tinha uma harmonia a natureza
Comparada á sua voz, não tinha cores
Formosas como as d'ella—nem perfumes
Como esse puro odor qu'ella espargia
D'angelica pureza.—Meus ouvidos
O leiticeiro som dos meigos labios
Ouviam com prazer; meus olhos vagos
De a ver não se cançavam: labios d'homem
Não poderão dizer como eu a amava!³

¹ CANTOS, 2ª edição allemã, 1857, pag. 33 *A Innocencia*, que saiu em outubro de 1843 no *Trovador*.

² Idem, pag. 56.—*Amor, delirio—engano*.

³ Idem, pag. 117.—*Quadras da minha vida*.

Foram porém esses amores serenos e passageiros, e lhe não deixaram estampada a ruga do sofrimento: relampago que fulgiu em tarde estiva sem o estampido do raio e apenas derramou rapido clarão sobre algumas das suas poesias. Foi um momento só, como o diz á sua irman nas *Saudades*:

E todavia amei! pude um momento
 Ver perto a doce imagem debruçada
 Nas aguas do Mondego—ouvir-lhe um terno
 Suspiro do imo peito, mais ameno,
 Mais sandoso que as auras encantadas:

 Foi um momento só!.....

 Sim, amei, fosse embora um só momento!¹

E quanto se não contristava com ser pobre, e não poder dar a mão áquella joven e interessante filha de Coimbra?! Sentia-o profundamente: porque não descor-tinava no futuro nem se quer uma leve esperança de poder realisar seus desejos!

«Tu não sabes, escrevia elle ao sur. dr. A. Theofilo a 24 de

¹CANTOS, edic. alleman de 1857.—pag. 642.

janciro de 1844, o que é amar sem esperanças!—dizemos em nós—um dia eu farei murchar a fé d'aquelle coração tão virgem—farei seccar as rosas d'aquelle rosto e a fonte d'aquelle ventura tão fiada no amor e no futuro. Irei eu por esse mundo, e ella cá fica sem o seo amor, que lhe leve—desgraçados porque nos conhecemos! Como ella me ama, pobre moça! Eu não choro por mim. sou homem, dispenso grandezas, e quando soffro sou desmentido por minhas palavras, que nunca denotam soffrimento; mas ella?! Eu quizera vel-a sempre feliz—sem pezares, sem dores, sem lagrimas, sempre cheia de contentamento..”

Diligente e curioso nunca se deixou ficar em ocio nas ferias intermediarias do Natal e da Quaresma, já entregando-se com fervor aos seus queridos estudos litterarios, já percorrendo os logares convizinhos de Coimbra, principalmente Formozella, onde o attrahia uma bella e espirituosa dama por quem se perdia em galanteios d'amor, lembrando assim o que dos poetas dizem que são como as borboletas, e elle de si confirma nos seguintes versos:

A fugaz borboleta as flores todas
 Elege, e liba e uma e outra, e foge
 Sempre em novos amores enlevada:
 N'este meu paraizo fui como ella,
Inconstante vagando em mar de amores.

O amor sincero e fundo, e firme e eterno,
 Como o mar em bonança meigo e doce,
 Do templo como a luz perenne e sancto,
 Não, nunca o senti;—somentes o vigo
 Tão forte dos meus annos por amores
 Tão faceis..... fui trocando.¹

No seguinte anno de 1843-1844² residiu á rua do Correio nº 62 com seus amigos e comprovincianos os snrs. drs. Antonio Rego e Pedro Nunes Leal, e começou de arcar com o estudo da lingua alleman. Estando já n'esse anno em Lisboa o snr. dr. Alexandre Theofilo de C. Leal, terminado o seu curso de mathematicas, que fizera com bastante distincção, merecendo ser premiado em todos os annos, remetteu-lhe o poeta as suas poesias—*O Romper d'Alca*,³ a *Visão—O Indio*,⁴—que estão publicadas, e *Coral e Jacaré*, que inutilisou; e este fel-as mostrar por um amigo, parente do snr. Antonio Feliciano de Castilho, ao grande poeta. Tal foi o prazer e o entusiasmo do snr. Castilho que, inquirindo de todas as circumstancias de sua

¹ PRIMEIROS CANTOS (1846)—*Minha vida e meus amores*—pag. 71.

² Matriculou-se sob n.º 13.

³ Impressa á pag. 255 dos PRIMEIROS CANTOS (edic. de 1846). e pag. 159 da edic. de 1857 dos CANTOS.

⁴ Veja-se á pag. 51 d'este volume.

vida e estado, para logo quiz conhecer o auctor, e estampar as poesias na *Revista Universal Lisbonense*, de que era principal redactor.

Não consentiu o snr. dr. A. Theofilo na publicação, porque sabia d'aquella devoção patriotica de que já tractei, embora lhe constasse que seriam acompanhadas de um elogio da penna do eximio poeta portuguez. E d'est'arte, tres annos antes do snr. Alexandre Herculano, já outro mestre da lingua e da poesia haveria julgado e acclamado o nosso poeta n'essa mesma *Revista* em que este depois o fez! Mas já que não pôde apregoar o eugenho do joven poeta brasileiro, preunciou-lhe como juiz vidente o bello futuro que o aguardava e mandou aconselhá-lo para que continuasse a cultivar o genero de poesias que depois publicou com o titulo de *Americanas*.

Por esta occasião começaram os poetas conimbricenses, os snrs. João de Lemos, José Freire, Rodrigues Cordeiro, Lima, Evaristo Bastos e outros a empreza de um jornal, consagrado inteiramente á publicações poeticas, com o titulo—*O Trovador*.¹—Con-

¹Veja-se o que d'este jornal diz Lopes de Mendonça nas suas *Memorias da litteratura contemporanea*, de pag. 238 a pag. 263.

vidaram e instaram com o nosso poeta para que os auxiliasse; mas este não querendo quebrar com o seu louvavel proposito, consentiu apenas que sahisse no primeiro número do *Trovador* a sua *Innocencia*, que foi apreciada por todos os homens de gôsto, que residiam em Coimbra.

Ao tomar então o grau de bacharel em sciencias juridicas,¹ soube que o snr. dr. A. Theofilo estava de partida para o Maranhão, e, pungindo-o saudades do amigo, quiz dar-lhe um abraço de despedida; mas faltavam-lhe recursos pecuniarios, não só para a viagem, como para tirar a carta de bacharel, e eil-o

..... co'a fronte baixa,
 Coberto o rosto de vergonha—e tímido
 Como aos pés do senhor um vil escravo
 Subi de um rico a escada—supplicante.²

Depois de bater a uma e outra porta, encontrou um que emprestou-lhe a quantia almejada, garantindo-a o poeta com a sua livraria, que ficou em poder do usu-

¹ Na universidade de Coimbra ha no curso juridico tres graus. o de bacharel no fim do quarto anno, o de bacharel formado no quinto, e depois, com a deffeza de theses—o de doutor.

² Veja-se—*Orgulho e avaresa*, á pag. 72 d'este volume.

rario até que elle tentou resgatal-a d'aqui do Maranhão, sem infelizmente conseguil-o!

Quando em julho de 1844 já se achava em Lisboa, chegou-lhe a triste noticia de que uma irman, como elle illegitima, e a qual não conhecia, havia sido seduzida e atraçoada por um primo. Não hesitou aquelle magnanimo coração um momento, correu, voou ao Gerez, e alli alcançou a prompta reparação da offensa feita á innocencia e ao amor de sua irman. Levou tempo n'esse negocio de familia, e quando o terminou, era já passada a época das matriculas na Universidade. Vendo-se então com o anno irremediavelmente perdido, tendo um só d'aquelles seus antigos collegas e amigos que o auxiliavam nas occasiões em que de Caxias lhe faltavam com as mezadas, e não querendo ser-lhe pezado, e demais tendo já obtido o grau de bacharel, e esgotada quasi toda a quantia que houvera em Coimbra, viajou por todo o Minho, Traz-os-Montes e parte da Galliza, e dirigiu-se em janeiro de 1845 para o Porto de onde partiu para o nosso Maranhão.

E foi durante sua estada nos «píncaros ennegrecidos do Gerez» e em Pitões¹ que escreveu toda a col-

¹ Veja-se a *Epistola*, a pag. 483 d'este volume, dirigida as seu collega e patricio o snr. José Antonio Fernandes Pinheiro.

lecção de suas poesias que teem por titulo—Visões— a *Escrava* ¹ e a *Desordem de Cuchias* ², além de outras que estão publicadas nos *Primeiros*, *Segundos*, *Ultimos Cantos*, e n'este volume.

Aqui acaba a vida d'estudante do Dias—como o devia, resumindo em um só facto, mas grandioso e bello, todo o pudor virginal d'aquelle coração immenso, toda a abnegação e generoso sacrificio d'aquelle alma sem igual, e assim podemos, seus amigos, repetir com dobrada razão e desvanecimento aquellas palavras que elle dirigia ao snr. Alexandre Herculano ³:

«Tivemos a fortuna de encontrar n'elle um d'aquelles poucos, d'alta intelligencia, que não perdem em ser admirados de perto, e cuja amizade se pôde ambicionar como um thesouro: fortuna, digo, porque o é de certo, quando se admira o escripto, que se possa ao mesmo tempo estimar o escriptor, ainda maior fortuna quando queremos manifestar o nosso reconhecimento que nos não remorda a consciencia, prevenindo-nos de que ainda quando digamos mais do que a verdade, ficaremos sempre aquém do que devemos.»

¹ PRIMEIROS CANTOS pag. 146, e CANTOS (1837) pag. 101.

² Veja-se a pag. 83 dos *Segundos Cantos*, edic. do Rio de 1848.

³ Veja-se nos CANTOS, 2.^a edic. de 1837, o *Sirva de prologo*, a pag. VI.

VÉRSES MODERNOS.

1861-1864.

1864

ESTANCIAS.¹

I

O nosso indio errante vaga:
Mas por onde quer que vá.
Os ossos dos seus carregá:
Por isso onde quer que chega
Da vida n'amplo deserto,
Como que a patria tem perto,
Nunca dos seus longe está!

II

Tem para si que a poeira
D'aquelle que chorão morto,
Quando a alma já descança

¹ Acha-se esta poesia publicada no PARNASO MARANHENSE

Da eternidade no porto,
 Nenhures está melhor
 Do que na urna grosseira
 Que a cada momento enchergão,
 Que de instante a instante regão
 Com seo prantear de amor !

III

Ando como elle incessante,
 Forasteiro, vago, errante,
 Sem proprio abrigo, sem lar,
 Sem ter uma voz amiga
 Que em minha afflicção me diga
 Dessas palavras que fasem
 A dor no peito abrandar!

E sei que morreste, filha!
 Sei que a dor de te perder
 Em quanto eu for vivo, nunca,
 Nunca se hade esváecer!

Mas qual teu jazigo? e onde
 Jasem teos restos mortaes?
 Esse logar que te esconde,
 Não vi:—não verei jamais!

IV

Não sei se ahí nasce a relva,
Se algum arbusto s'inflora
A cada nova estação:
Se a cada nascer da aurora
O orvalho lagrimas chora
Sobre esse humilde torrão!
Se ahí nasce o triste goivo,
Ou só espinhos e abrolhos,
Ou se tambem de alguns olhos
Recebes pia oblação.

V

Sei que o pranto, que se verte
Longe do morto, não basta:
É pranto que a dor não gasta,
Que nenhum alivio traz!
Sei que ao partir-me da vida,
Minha alma andarà perdida
Para saber onde estás!

VI

Irei beijar teu sepulchro.
Chorar meo ultimo adeos.
Depois, remontando aos céos.
Direi a Deos: «Aqui estou!»

Tu, d'entre o côro dos anjos,
 —Dos Seraphins resplendentes—
 Então—as azas candentes,
 Que a vida não maculou,
 Desprega!—e meiga, humilhada,
 Ao throno do Eterno vae,
 E na linguagem dos anjos,
 Dise a Jesus: «É meo pae!»

VII

Elle humanou-se!—quiz ser
 Filho tambem de mulher;
 Mas d'homem, não; porque os ceos
 Não tem espaço bastante ¹
 Para um homem—pae de Deos!

VIII

Bem sabe elle quanta gloria
 Sente o pae, que um anjo tem!
 Julgará que, pois perdida
 Teve uma filha na vida,
 Não a perca lá tambem!

Manáus —1º de Maio de 1861.

¹ VAR. Não tinham bastante espaço.

OH! QUE ACORDAR!

Se o que somos, se o que temos soffrido
 Não fosse mais que um sonho!
A despedida sem adeos, a ausencia.
 O desterro medonho!

O viver sem familia, sem ventura.
 Sem esperanças mais. . .
Este penar eterno, este soffrer sem crime.
 Este descrer dos mais:

E aquelle ver-te qual t'eu vi, co' o pranto
 Nos olhos a brilhar,
E nos labios sorrisos por que vias
 Qual era o meo penar!

Se esse fingir que a vida te esgotava
 Do pobre coração,
 Se tudo fosse um pesadelo horrível,
 Um sonho vão:

Se outra vez amanhã meiga sorrindo
 Me viesses contar
 Teo sonho máo, durante a noite, e o ledo
 Venturoso acordar!

E que de ver-te se me fosse d'alma
 D'angustia o sentimento,
 Como visão nocturna, como um traço n'agua,
 Nuvem que tange o vento!

Se em nossos peitos desses cahos surgissem
 Os extasis de amor,
 Como aves mil, que no romper do dia
 Voão de um ramo em flor!

E a vida entre nós franca! o amor possível,
 E o paraíso ali!
 Oh! que acordar!. Venhão diser-me agora
 Depois do que soffri,

Que o mundo é vasto, que não devo amar-te.
Que renuncie a ti!
Fasei-o vós, se sois capaz de tanto....
Não o peçais de mi.

Qual o horrendo porvir que após nos guarda
Não o sabeis, eu sei!
É ser morto por dentro, é diser d'alma
Jamais feliz serei!

É criar tédio á vida!—um só receio
Ter-se—que seja eterno
Este viver, este descrer de tudo.
Este penar do inferno!

Manáus—30 de Maio de 1861.

SE MUITO SOFFRI JÁ, NÃO M'O PERGUNTES.

Se muito soffri já, se ainda soffro
 Por teu amor?!
Não m'ó perguntas! que do inferno a vida
 Não é pior!...

Eu! vegetar da terra entre os felizes!
 Que faço aqui?
Sonhos de amor, de gloria,—lá se forão
 Atrás de ti!

A ver se encontro d'esperança um raio
 Ólho em redor,
E nada vejo, e mais profunda sinto
 No peito a dor!

Que faço aqui? Dias cansados, annos
 Sem fim—durar!
 Depois que te perdi, viver ainda.
 Viver! penar!...

Eu, não! Quem for feliz que prese a vida.
 Tema perdel-a!
 Por mim não tenbó horror, nem tédio á morte.
 Clamo por ella!

Benedicta seja pois a que mandada
 Me for—por Deos.
 Matar-me, não; que quero ver-te ainda
 Feliz nos céos!

Mas no pego da dor, em que me abysmo.
 —Nesta afflicção
 Negra como a do cego que na estrada
 Esmóla o pão!

Como a do viajor que pelas trevas
 Sem tino vae,
 E, errado o trilho, se embrenhou nas matas,
 Nem dellas sae!

Neste viver soffrendo, errante, louco,
 Misero Job,
 Que amigos e inimigos á porfia
 Pungem sem dó!

Às veses, da amargura no remanso,
 Ao Creator
 Minha alma eleva canticos de graças,
 Hymnos de amor!

Que se estivesse em mim renascer hoje.
 Soffrer o que soffri....
 Eu quisêra viver para inda amar-te
 E amado ser por ti!

NO JARDIM!

Lembra-te o Jardim, querida!
Lembra-te ainda da vida
Aquella quadra florida,
Que ali passamos então!.
—Duas salas, um terraço.
Poucas flores, muito espaço,
Muita luz; mas a melhor.
—A flor do teu coração,
A luz do teu sancto amor!

Não tinha a casa pintura.
O chão não tinha cultura:
Paredes nias, ladrilho,
Tudo singelo, sem brilho....
Ninguem diria a ventura

Que ali se podéra achar!
 É porque ninguem sabia
 Que tu ali vinhas ter
 A cada romper do dia
 Como um raio de alegria!
 É que o sol no seo morrer
 Seos raios ali mandava,
 Como que nos céos fixava
 A historia do amanhecer!
 —Que o cyclo da nossa vida
 Da terra oscilava aos ceos,¹
 Na luz do amor teu, querida.
 Na luz mandada por Deos!

E depois, se vinha a noite.
 Fossem trevas ou luar,
 —Como em sonhos prasenteiros,
 Como em magicos luseiros.
 Do infinito pelos campos
 Se ia minha alma a vagar!
 —São menos os pirilampos
 No bosque—à noite!—as estrellas
 Nem tantas são, nem tão bellas
 Como os doces devaneios,
 Desejos, temor, receios.
 D'aquelle ameno scismar!

¹ VAR—Vagava entre a terra e os céos.

Vivia! estava desperto!
 Eu contigo me entretinha:
 Tu ali estavas—bem perto,
 A voz te ouvia que vinha
 De amor minha alma inundar!
 Mais formoso que tal sonho
 Era só meo acordar,
 Vendo teu rosto risonho,
 Vendo nelle do meo sonho
 A imagem se desenhar!
 —Ouvindo-te a voz macia
 Baixinho pronunciar
 Frases de amor, de poesia,
 Que ninguém podéra achar!

Crê-me! a infanta portuguesa.
 De Inglaterra a princesa.
 Laura, Elvira, Beatriz,
 Nos cantos de illustres bardos
 Só—forão grandes: tu. não!
 Distincta por natureza.
 No sentimento rainha,
 A poesia te vinha
 Sublime, estreme, feliz.
 Traduzida em gesto brando.
 Ou d'alma plena brotando
 Do abundante coração.
 Ampla, candal como um rio,

Como perolas em fio
A granizarem no chão!

Aquellas vivem eterno
Na historia do seo amor!
Em throno de luz sentadas,
C'roadas de resplendor!

Mas, quem dirá o que foste!
O que és ainda--talvez!
Se estas pobres folhas soltas
Nem chegarão a teos pés?!

A BAUNILHA.

Vês como aquella baunilha
Do tronco rugoso e feio
Da palmeira—em doce enleio
 Se prendeo!
Como as raizes metteo
Da usnea no musgo raro,
Como as folhas—verde-claro—
 Espalmou!
Como as bagas pendurou
Lá de cima! como enleva
O rio, o arvoredado, a relva
 Nos odores,
Que inspirão fallas de amores!
Dá-lhe o tronco—apoio, abrigo,
Dá-lhe ella—perfume amigo,
 Graça e olor!

E no consorcio de amor
 —Nesse divino existir—
 Que os prende, vai-lhes a vida
 De uma só seiva nutrida.
 Cada vez mais a subir!

Se o verme a raiz lhe ataca.
 Se o raio o cimo lhe offende.
 Cai a palmeira, e contudo
 Inda a baunilha rescende!

Um dia só!—que mais tarde.
 Exhausta a fonte do amor,
 Tambem a baunilha perde
 Vida, graça, encanto, olor!

Eu sou da palmeira o tronco,
 Tu—a baunilha serás!
 Se soffro, soffres commigo,
 Se morro—virás atrás!

Ai! que porisso, querida,
 Tenho aprendido a soffrer!
 Porque sei que a minha vida
 É tambem o teu viver.

SE TE AMO, NÃO SEI!

Amar! se te amo, não sei.
Oíço ahí pronunciar
Essa palavra de modo
Que não sei o que é amar.

Se amar, é sonhar contigo,
Se é pensar, velando, em ti.
Se é ter-te n alma presente
Todo esquecido de mi!

Se é cubiçar-te, querer-te
Como uma bênção dos céos
A ti somente na terra
Como lá em cima a Deus!

Se é dar a vida, o futuro,
 Para diser que te amei:
 Amo; porem se te amo
 Como oiço diser.—não sei.

Sei que se um genio bom me apparecesse
 E thronos, glorias, illusões floridas.
 E os thesouros da terra me offercesse
 E as riquezas que o mar tem escondidas:

E do outro lado—a ti somente,—e o goso
 Ephemero e precario—e após a morte:
 E me dissesse: «Escolhe»—oh! jubiloso.
 Exclamára, senhor da minha sorte!—

«Que thesouro, na terra ha'hi que a iguale?
 Quero-a mil veses, de joelhos—sim!
 Bemdita a vida que tal preço vale,
 E que merece de acabar assim!»

COMO! ÉS TU?

Como! es tu?! essa grinalda
De flores de laranjeira!..
Branco véo, nuvem ligeira
Sobre o teu rosto a ondear!
Pallida, pallida a fronte
E os olhos quasi a chorar!

És tu! bem vejo. não falles!
Cala-te! já sei o que é!
A mão vais dar, vida e fé
A outro!. Vais te casar.
Pallida, pallida a fronte.
Olhos em pranto a nadar!

E vais! e es tu mesma?—e vais!.

Fui en quem te dei o exemplo.
 Sei que te aguardão no templo,
 Deixa-me aqui a chorar:
 Fazes somente o que lis,
 Não fazes mais que imitar!

Mas eu quis ver-te feliz,
 Não dar-te exemplo!. . . pensava
 Que illeso e firme ficava
 O teu amor--a guardar
 A fê, que eu mesmo, insensato!
 Fui o primeiro a quebrar!

Contradições d'alma humana!
 Fui, sim, quem te dei o exemplo.
 Isso quiz, e ora contemplo
 Essa grinalda--a chorar.
 A fronte pallida, pallida,
 E o branco veo a ondular!

E hade o mundo iada algum dia
 Do olvido o veo tenebroso
 Estender por tanto goso,
 Tanto crer, tanto esperar!
 Vai que te aguardão: ja tardas:
 Deixa-me aqui a chorar!

Vai! e que os anjos derramem
Sobre ti flores, venturas,
Que as alegrias mais puras
Floreção dos passos teos:
E que entres na casa extranha
Como uma benção dos céos!

Que a fortuna—de velludos
Alcatife os teos caminhos,
Que o orvalho dos teos carinhos
A esse fação feliz
Com quem te casas—que te ame
Como te amei e te quiz!

Porem procura esquecer-te
Das venturas no regaço
De mim, dos votos que faço.
De quanto pedi aos céos
Ver este dia. . . mas choro!
Vai! sê feliz! adeos!



A MINHA ROSA.

A mim! foi a mim que o ouviste?
Eu!—chamal-a minha rosa!...
De certo que é bem formosa,
Entre criança e mulher!
Se a vejo tão joven inda,
Tão simples, tão meiga e linda,
Da vida no rosicler;

Podia chamal-a—rosa,
De musgo ou de Alexandria,
Rosa de amor, de poesia,
Mais lhe não dava que o seo;
Porque se essa flôr mimosa,
Já chegaste ao seo retrato,

Havia ver como a rosa
De repente esmoreceo!

Porem, teo amor, querida,
Teo amor que é minha vida,
Que é meo scismar, que é só meo:
Esse que te faz formosa
Entre todas os mulheres,
Onde achal-o?!—Minha rosa....
Minha és tu!.. como sou teo.

Não nego que é meiga e linda,
Entre mulher e criança,
Tão joven, tão meiga, e ainda
Da vida no rosicler;
Mas tu vales mais do que ella,
Não conheces bem teo preço,
Acho-te muito mais bella,
Como és,—entre anjo e mulher.

CIUMES.

Ciumes! Pois tens ciumes!
Porque?!—porque à esta, áquella
Contemplo e digo que é bella,
Ciumes dahi te vem?!

Mas sabe!—desde que te amo,
Tudo me agrada e recreia!
Tenho esta vida tão cheia,
Sinto que vivo tão bem!

Que tudo me arrouba e enleva,
Mar e terra. nuvens, céos,
Estrella, flor, planta e relva,

Tudo quanto vem de Deos,
Quanto nos olhos reluz,
Quanto o mundo exterior
Do bello em fórmulas traduz:
Quanto um peito amante scisma
Vejo eu ao travez da luz,
Ao travez do claro prisma
Do teo sancto, immenso amor!

Amo tudo quanto sinto,
Quanto a minha vista vê:
Teo reflexo vejo em tudo,
E tens ciumes!... Porque?!

Como se vêem pinturas,
Estatuas bellas,—assi
Vejo-as tambem. Formosuras
Sejão, que eu só amo a ti!

Ha tres amores, querida.
O amor da terra—vulgar,
Outro em região mais subida,
Mas inda facil de achar.
—Outro por fim a pairar
Longe do mundo e da vida,
Em luz de mais clara esphera,

Sem borrascas, sem negrumes,
 Alli ja não ha ciumes:
 O teo julguei que assim era!

Vês tu?—É como quem sobe
 Altivo monte. Primeiro
 Vê formar-se o nevoeiro.
 Vê-o da terra a surgir!

Mais alto sobe!—Das nuvens
 Vê os castellos formados.
 Torvos, feios, trovejados,
 E a tempestade a rugir.
 E a terra como sumida
 E os céos como a luz roubados!
 Convem mais alto subir,
 Muito mais alto, querida!
 Mais alto, que de la vês
 Os céos sem nuvens—por cima—
 E a tempestade a teos pés.

Ali ja não ha negrumes.
 O dia ali não tem véos:
 Ail só na terra ha ciumes.
 E o teo amor é dos céos.

10

.

TENS MAIS POESIA.

Que te direi?!—Em ti mesma
Lê;
Que ahí melhor poesia,
Crê,
Has de achar que em versos meos.

Poesia que vem d'alma,
Fê
Que a vida illumina e doura
Té
Que vai se prender a Deos.

É tal a tua poesia,
É
Qual de flor mimosa e occulta
Pê
Que em densa moita se cria!

Respira-lhe o doce aroma
Quem
Passa ali, nem sabe donde
Ven
O aroma que todo o arrouba!

D. EMILIA.

Ja mimosas as flores desabrochão,
Ja mais ledos os passaros gorgeião;
 Mas nem aves nem flores
Nos disem sós que a Primavera chega.
Que ja freme na folha envilecida
 Do inverno aos crús rigores.

Que tambem tu, Musa gentil, despertas!
Aura d'amor sussurra-te na lyra
 Dulcissima canção!
Ridente arhusto, quando o vento o agita
Do perfumado orvalho de mil flores
 Cobre e matisa o chão.

Canta, Musa gentil, que a poesia
 Nos labios da mulher sôa mais doce,
 Mais espontanea vem
 No albor da vida: em coração de virgem,
 Que sonha amor e d'illusões se nutre,
 Seo proprio ninho tem.

Canta, Musa gentil! Ha nos teos versos
 Um mimo tal que a patria nos recorda,
 Que enternece, que apraz
 Como o pudor da sensitiva, a queixa
 Da casuarina, da baunilha o aroma.
 O olor do sassafras!

O céo faz dom da lyra aos que mais ama.
 Feliz quem pode a dôr lenir cantando,
 Mas inda mais feliz
 Quem da existencia os arreboes, com ella,
 Dissolve nas mil faces desse prysma
 Que vida e amor se diz.

Canta, e verás que aceites são teos cantos,
 Verás tambem que mesmo entre soluços
 Aplaudem-te os mesquinhos!
 De rosas festivaes cingem-te a fronte.
 Invejão-te! mas tu no êntanto soffres,
 Que ha nessa c'roa espinhos!

Qu'importa? Na miseria deste mundo
À dor, que surda lavra por nossa alma,
O rosto mal condiz!
Estala o coração, riem-se os labios!
Invejão-te? . . Pois bem! Ser invejada
É quasi ser feliz!

Lisboa—22 de Fevereiro de 1864.

É ALEGRE A FLOR QUE BROTA.

É alegre a flor que brota
Sobre o talo melindroso.
E o arrebento viçoso
Crescendo em floreo tapiz:
É doce o romper da aurora,
Doce a luz da madrugada.
Doce o lusir da alvorada.
Doce, mimoso e feliz.

É bella a virgem risonha
Com seos musicos acentos.
Com seos virgens pensamentos,
Com seos mimos infantis.
Como quanto inceta a vida.

Que á luz sorri da existencia,
Que tem na sua innocencia
Da mocidade o vernis.

Vinga a flor a pouco e pouco,
Cada vez mais bem querida,
Tem mais encantos, mais vida.
Tem mais brilho, mais fulgor.
De cada gota de orvalho
Extrae celeste perfume,
E do sol n'um raio assume
Cada vez mais viva côr.

Assim á virgem risonha
Pouco a pouco, noite e dia.
Mais viva flor de poesia
Do rosto sente na côr:
E um anjo nos meigos sonhos
No peito—da sua essencia—
Derrama o odor da innocencia
—Um doce raio de amor.

Porque tudo quanto nasce,
Seja a luz da madrugada,
Seja o romper da alvorada,
Seja a virgem, seja a flor.

Tem mais amor, tem mais vida,
Como recente feitura,
Cahindo formosa e pura
D'entre as mãos do Creator.

Lisboa — 1864 .

SEO NOME.

(IMITAÇÃO).

O som do nome seo é doce aos labios,
Macio se deslisa e flue risonho,
Como entre flores um regato corre,
Como entre as faces de polido prysma
A luz ostenta um iris luminoso.

É comò a aurora boreal seo nome,
Como esses meteóros, que em uma noite
De sereno luar, cortando as nuvens,
Deixão nellas um traço de luz branca,
Qu'afaga os olhos, e o praser semelha!

É como a luz do sol, como o perfume
 De missiva d'amor, ou semelhante
 Ao silencio da noite, á luz do dia,
 Ao pipitar dos passaros no bosque,
 Ao murmurar da fonte em quadra estiva.

É da cidade eterna o nome sancto,
 É o meo talisman, é o meo nume,
 O astro, a gloria, o symbolo, o segredo
 Desta vida cançada, o sol dos polos
 Bordando os ceos n'um circulo de fogo!

Seo nome só direi n'algum momento
 D'extrema dor, como em baixel que afuada
 Em alto mar, em noite tormentosa,
 Ou nos ultimos bocejos da existencia.

O seo nome é a luz, o amor, a vida,
 A felicidade, o paraiso, o signo
 Do rei que desfazia encantamentos,
 —O signo dos milagres e prodigios
 É o seo nome; pois que a ainei, e vivo!

AMOR DE ARABE.

De cava rocha musgosa
Serena fonte cahia,
Cahia por entre pedras,
Por entre florês corria.

A essa fonte querida,
Amor do seo coração,
Vinha, sempre, à tarde, a joven
Bella filha do Sultão.

E sempre junto da fonte
Via ella de cada vez
Um moço d'olhos ardentes,
Coberto de pallidez.

Um dia—não se conteve:
Vai-se-lhe a elle veloz.
«Dise quem és, eu t'o ordeno,
Que estás aqui sempre a sós.»

—Escravo sou—diz-lhe o moço,
E mais e mais perde a cor:
—Sou d'uma tribu d'Arabia
Que morre, em sentindo amor.—

MINHA TERRA!

Quanto é grato em terra estranha,
Sob um céu menos querido,
Entre feições estrangeiras,
Ver um rosto conhecido;

Ouvir a patria linguagem
Do berço balbuciada,
Recordar sabidos casos
Saudosos---da terra amada!

E em tristes serões d'inverno,
Tendo a face contra o lar,
Lembrar o sol que já vimos,
E o nosso amenó luar!

Certo é grato; mais sentido,
 Se nos bate o coração,
 Que para a patria nos vóa.
 P'ra onde os nossos estão!

Depois de gyrar no mundo
 Como barco em crespo mar,
 Amiga praia nos chama
 Lá no horisonte a brilhar.

E vendo os valles e os montes
 E a patria que Deos nos deo,
 Possamos diser contentes:
 Tudo isto que vejo é meo!

—

Meo este sol que me aclara,
 Minha esta brisa, estes céos;
 Estas praias, bosques, fontes,
 Eu os conheço—são meos!

Mais os amo quando volte,
 Pois do que por fóra vi,
 A mais querer minha terra,
 E minha gente aprendi.

VERSOS ANTIGOS.



1844-1852_x

VISÕES.¹

I

O INDIO.

E n'outro quadro da minha alma os olhos
Mais distincta visão me figurarão.
Pareceo-me voar por sobre montes,
Por sobre altivas matas seculares,
Por sobre invios desertos—onde o tigre

•

¹ São estas poesias da mesma epocha e inspiradas nos mesmos logares—os alcantis do Gerez—e fazem parte das que com o titulo de—*Visões*—sahiram publicadas nos *Primeiros* e nos *Segundos Cantos*. Deixou-as o auctor ineditas por julgal-as talvez inferiores áquellas.

A. H. L.

Perdendo o faro da spelunca, os ventos
Inquire—e anda e ruga e se extravai!

E eu voava docemente, como
Vaga doce no cèu a lua amiga,
E pareceo-me ácordar!—Uma clareira
Se estendia à meos pès; meos olhos debeis
Desafeitos da luz—volvi medroso
Em torno—em busca de uma esperança: embalde!
Que eu só, no bosque, no rugir das folhas,
Na vaga ondulação que rumoreja,
Da brisa ao sopro—entre a folhagem espessa
Casos de feio azar me futurava.

Mas de repente se me offerece aos olhos
Um vulto quasi nú—deitado ao longo
Sobre o verde tapiz de relva e flores;
Tinha os olhos no cèu—crusados tinha
Os braços sobre o peito herculeo e largo:
Era um joven tupi—galhardo e nobre,
De presença gentil—e tinha *aquillo*
Nos olhos negros e no rosto franco
Que a não vulgar stirpe indica e nota.

Salve! lhe disse ao Indio—Elle sisudo
No idioma vulgar tornou-me:—salve!

—Sois Indio—proseguí—«Sou Indio» disse.

—E donde houveste esse fallar tão puro?

Sentando-me inquiri. Nos olhos delle

Breve clarão lusio de escarneo e de ira.

«Homens de branca pel' são como as garras:

Perguntão—fallão sempre e sempre, e tornão

Sem pausa, e tanto que me fôra pasmo

Vencel-os a mulher que eterno falla!

O CANTOR.

Não me colhas rancor, Tupi—fallei-te

Porque o accento que soar não usa

Na voz de teos irmãos—me encheo de assombro.

O INDIO.

Daqui ha muitos soes—vivi!—Ha muito

Que esse tempo passou, que mais não volte!

O CANTOR.

Perdoa o meo fallar—que de mor pasmo

O peito me povoas! Que viveste

Outra vida melhor para voltares

Ao teo viver primeiro—mal pensaste!

Não somos nós irmãos—a tua patria

Não é a patria minha? Ali marcada

Não tihas outra vida—outro futuro?

O INDIO.

És dos grandes tambem—tu que assim fallas,
 Desses que aos Indios tem no rol de escravos?
 Ironico sorrindo me inquiria.

O CANTOR.

Oh! não—sou como tu—tenho na terra
 Livre o passo—tenho a mente livre—
 Tenho a immensa extensão dos céos. dos mares,
 E o verde escuro das compridas matas,
 E a fonte e o rio—e o bosque—e a terra—e tudo
 Que a vista alcança e vê—tudo que a mente
 Ardente poetisa alem do espaço.

O INDIO.

És acaso Tupan?! bradou-me o Indio.

O CANTOR.

Não, não sou Tupan—Cantor me chamão.

O INDIO.

Em verdade és Cantor, és desses meigos
 Filhos do sol, amigos do silencio,
 Aos quaes almo Tupan visita em sonhos.

Ah! vem, Cantor, sentar-te á sós commigo,
 Fallemos d'outros tempos—d'outras coisas,
 Que a voz dos teos de melhor grado escuto,
 Do que o fagheiro susurrar da brisa,
 De tarde ou de manhã—por entre as flores!
 Ah!-feliz o cantor! quando elle falla
 A voz dos Manitôs—se escuta, e a lingua
 De nossos pais, que alem dos Andes morão.
 A Tribu dos tupis—tambem n'um tempo
 Foi rica de cantores, que ora o povo
 Luta contra Anhangá—profugo e fraco.
 E mais que feitos—ou victorias seisma
 A fuga do vencido sem combate!
 Já cantores não tem—nem ter precisa,
 Que, deves de o saber, não solta o canto
 O terno sabiá—nos ermos onde
 O funebre urubú desata o grasno:
 Mas entre as flores da amorosa acacia.
 Derramando o trinado entre perfumes.
 Compraz-se—anigo e mavioso. . .» O Indio
 Co'a fronte baixa emmudeceo—tornando
 Após instantes com mais triste accento.
 Como o que sente dor—mas d'al pratica.

«Foi meo pai dos Tupis—ultimo chefe.
 E quando o busio atoador soprava
 Tres mil guerreiros concorrião prestes
 Ao guerreiro festim!—Ora n'um dia

De mão agoiro e trovejado—ouvio-se
 Um rouco estrondo—que do ocaso vinha:
 Não era a raiva do tufão, que açoita
 E prostra—e lasca os troncos—nem dos ventos
 Era o bravo lutar co'as ermas praias.
 Nem a voz do trovão—que rola forte
 No vasto immenso espaço:—era um ribombo
 Que fazia tremer os pés na terra
 Como sobre o batel cortando as aguas.
 —Fomos aos Piagas, perguntar que males
 Nos futurava o arcano—embalde o fomos!
 Disserão todos não poder sondal-o,
 Mas que era augurio de tremer—o augurio
 Que sobreestava ao seo saber divino!
 No entanto—um delles—ancião, pintava
 Outro misterio extranho sobre a area,
 E aos sons do maracá cantando disse,
 Lançando raios no volver dos olhos,
 Figurando o trovão na voz troante.

Treme—ó povo Tupi—já não és povo
 Eleito de Tupan,
 Sumio-se o teo poder como uma sombra
 No lusir da manhã.

Não vês que ao fero Deos do mal cultiva
 A tribu Cramekran?

Por este novo culto não trocaste
 Tu mesmo ao Deos Tupan?

Não vês que vida effeminada e molle
 Vive o Tupinambá,
 Na tribu Cramekran buscando esposa
 —Na tribu d'Anhangá?

Não vês que negra infamia cinge a tribu
 Dos tredos Aymorés,
 Que aos rios fogem por fugir aos fortes
 Dentes dos jacarés?

Tupan não vos quer ver—que vos fisestes
 Escravos d'Anhangá!
 Treme, nação Tupi:—soluça, geme,
 Povo que foi já!

Mas um dia virá, bem longe d'hoje.
 E os teos livres serão;
 Mas esse dia—não verás, ó povo,
 Teos filhos—tambem não!

Disse o Piaga e morreo!» Tornára o Indio

Depois de um breve descansar arfado!
«Ah! bem feliz é o que, morrendo, evita
Ouvir a voz dos seos—gemendo—escravos.
Adeos, Cantor—adeos! que a minha patria
Não é a tua, não—mas este vasto
Fronroso praino—estes vestidos serros,
E o immenso azul dos céos.—E a minha vida
É ver a nuvem cambiando côres,
E os cabellos do sol por sobre a terra,
E tranquillo escutar o ledro sopro
Da brisa que murmura—e o som das aguas
Trepido sobre as pedras—o confuso
Rumorejar das matas—o continuo
Pavoroso lutar co'as bravas fêras!»

Eis nisto um tigre na floresta ruge,
O Indio attento escuta—e logo—a senda
Precipite invade—e vai sobre elle.

II

O SATELLITE.

Era uma noite de luar formosa—
Das bellas noites do Brasil; mil astros
O meigo azul dos ceos brilhando arreião;
Vai a vista perdida alem das nuveis,
E cansada se volve sobre a terra;
Pela immensa extensão do verde escuro
Vasto praino frondoso se derrama—
Vê sobre as folhas o luar dormente,
Melancholico e puro—não sussurra
Da noite a viração—não ruge o tigre.
Vai a noite callada—ao longe apenas

Trépida veia de crystal murmura.

Nesta doce mudez, neste silencio
 Mais grato aroma a flor agreste exhalla—
 Vaga a mente mais livre, e pensamentos
 Mais singelos, mais puros, mais sublimes
 Nutre mimosa—e este enlevo d'alma
 Sobe ao throno do Senhor—qual sobe
 O perfumado incenso—o grato effluvio
 D'hymno piedoso que no templo echôa.
 O crime é cego e surdo—elle, só elle.
 Taes encantos não vê, não sente enlevos.
 Comsigo do Senhor avilta as obras.
 E a alma ennegrecida, e suja e feia,
 Como os restos de uma harpa harmoniosa
 Sobre o pó terreal manchando arrastra.

Vai sob a mata um cavalleiro, e deixa
 --Pensativo que vai!--pender as redeas
 Do seo corcel que se embação livres.
 Roçando o peito equino.—Cavalleiro,
 Que negro fado é o teu que a taes deshoras
 Te obriga a viajar?—Talvez que um tigre
 Saltando sobre ti co as ferreas unhas
 Te afferre os dentes—e ao teu rubro sangue
 Misture a espuma das sauguineas fauces.
 Oh! que homem és tu? donde vieste?

Tu que sem armas por aqui viajas,
 Por sitios,—onde vela de continuo
 O crime infesto—a sordida vingança?
 Assim vais, porque inimigos não conheces?
 Mas tu não sabes—que é perdida a conta
 Desses que assim vivião, que morrerão
 Às mãos cobardes do assassino—quando
 Talvez julgassém de abraçar amigos?
 Tu pensas!. Em que pensas? Na tua casa
 Risonha e festival—n'um ermo occulta;
 Pensas na cara esposa que te aguarda,
 Ou nos teos filhos—teo pensar continuo?
 Ou no rico villão—a quem tua alma
 Altiva, e nova e grande—ha pouco irada
 Fez humilde vergar? Ah! nescio! nescio!
 A mente do que é vil inveja á nobre;
 A inveja do que é vil ou mancha ou mata.

Quebrou-se a estrada aqui—o cavalleiro
 Vai dando volta—é sente-se ferido.
 Varou-lhe o coração a balla infame,
 E o ouco som tocou—e a chamma breve
 Nos olhos—turvos, baços—nos ouvidos—
 Cheios de um longo retenir confuso.

Corria a noite em meio—a lua a pino

Um raio seo de amor por entre as ramas
Enfiava custoso—o morto e o vivo
Quaes dois amigos—que um só leito encerra—
Dormião juntos! O corse! mais longe,
Do sangue indo a fugir—tosava a relva,
Co' o freio acanhador—rasgando a terra.

AUSENCIA.

Se triste a minha vida decorria
Bem junto ao lado teu, que eu tanto amava,
Ouvindo a tua voz que me encantava,
Teo doce suspirar que me prendia,

Que mais triste não sou, do que sohia,
Nos solitarios dias que ora passo!
Meo anjo, meo amor, a phantasia
Finge o teu rosto em vão no ethereo espaço!

Nesta ausencia—que a morte me retracta—
Vejo sempre o teu rosto tão formoso
Que a pureza dos anjos cobre, esmalta
Como lusindo em templo magestoso!

Ês bellissima assim—como a pintura
 Que Rafael nos céos desenharia,
 Querendo idealisar-te a formosura

Mas tão grata visão não me extasia;
 Que, se brada minha alma pela tua,
 Ficas sempre pintura e muda e fria.

Então bravejo contra a sorte crúa
 Que tão longe de ti poz meo tormento.
 E minha alma de paz despida e núa.

Que mais longe de ti—meo pensamento
 Mais luto veste e vive como o inferno
 Na hora do penoso passamento.

Como é triste a minha vida,
 Como é triste o meo penar,
 Como é triste andar no mundo
 Qual phantasma—a tropeçar !

Como é triste o céu sem luses
 Depois que a tua brilhou.
 É bem triste o dia de hoje,
 Foi bem triste o que passou.

Definha—emmurchece e morre
O meo pobre coração,
Como a flor durante a calma
Do bem calmoso verão.

Se o somno me fecha os olhos,
Da saudade—o pavoroso
Phantasma consumidor—
Torna-me o somno penoso.

Ah! quero sonhar contigo,
Quero ter meo coração
Como no céu uma estrella,
Como a fresca viração.

Quero ouvir a tua voz
Que me diga:—És meo amor!
Qu' enxerte dentro em meo peito
Da esperança a bella flor,
Que me entorne dentro d'alma
Alento consolador.

Quanto eu seria feliz
Se me pudesse esquecer
Que fôra tirar-te a vida

Doar-te o meo padecer!
Mas vive feliz — e alegre
Que eu triste bem sei morrer.

Pitões — Dezembro de 1844

NO ALBUM

DE

MEU AMIGO JOSÉ HERMENEGILDO XAVIER DE MORAES.

Pelo monte agreste e duro
Vai a ovelhinha coitada,
E da lã mais alva e fina
A porção mais delicada
Ali fica entre as giestas,
Entre o tojo cardador.

Tal o homem vai deixando
Preso em laço feiticeiro
Seo pensar—seo peito—e alma.
Mas no instante derradeiro
Lá se parte mutilada
Pungida—d'acerba dor.

A nossa idade não pensa
 No porvir—na sepultura;
 A vida se liga, como
 Se fora eterna a ventura,
 Como se ao pó ter a mente
 Devesse profundo amor.

Mas na velhice prudente,
 Em scismando no passado
 Que? disemos—pois eu velho,
 Já sobre a campa inclinado,
 Como soffrego respiro
 Do que foi na murcha flor?

Ó velho, sabes porque
 N'outros tempos—tua mente
 Por tudo que era creado
 Nobre amor sentio ardente,
 Porque amou do mar as vagas,
 E as folhas da linda flôr?
 Foi porque ainda recente
 Na dura eschola da vida
 De amores se alimentava:
 Era alma—ha pouco—sahida
 Formosa, candida e pura,
 D'entre as mãos do Creador.

E nós inda em nossa patria
 Longe—longe—viveremos,
 Mesmo ali—agra saudade
 Um do outro curtiremos:
 Mas acaso pode a ausência
 Nossa amizade quebrar?!
 Não o creio—que mais bella
 Se fará de dia em dia—
 Como suave perfume,
 Como celestre harmonia,
 Que no silencio da noite
 Nós gostamos de escutar.

É tudo pois soffrimento,
 Tudo penar nesta vida.
 Tudo o talvez anciado—
 Martyrio d'alma affligida?
 Pois o riso acaba em choro
 E o praser em afflicção?
 Assim é—só dura o pranto
 Corrosivo—amargo—e lento,
 Dura o pesar dentro d'alma,
 Dentro della o soffrimento,
 Como a lava sempre estúa,
 Sempre ferve—no vulcão.

ORGULHO E AVARESA.

Vede o inculto novilho em liso plaino!
Orgulhoso senhor de vastos campos
 Brôa irado e feroso,
E o bosque atrôa e o pó subtil expande
Com as unhas bi-partidas—e nos troncos
 Ensaia os fortes galhos.

Embalde o afaga o agricultor que o chama,
Embaide esconde o jugo poderoso:
 Elle pára—e recua—
Dos olhos—côr de sangue—as iras pulão
Que a indomita cervis—não sohe curvar-se
 Á mansa voz traidora.

Assim, fui en tambem no albor da vida
 Orgulhoso, como elle, e forte d'alma
 Disia eu entre mim: «Que força humana
 Ha'hi capaz de me vergar escravo?
 Que braço—que poder—ou que potencia
 Neste mundo, em que eu sou—pode curvar-me,
 E assentar-me no collo o jugo escravo?
 Ninguem—ninguem o póde! Assim na terra
 Heide a vida passar co'a fronte erguida
 À todos sup'rior—maior que os grandes
 Heide entre elles sentar-me ebrios na vida,
 Heide sentar-me—e crente—e bardo—n'harpa
 Cantando o nome do Senhor, que pune,
 Da vida nos festins cantando a morte.

Foi Deos—que me punio—acaso o orgulho
 Em nós póde caber—em nós abortos
 De incompleta feitura—uns quasi vermes
 Que sobre a lama—e pó—nos arrastamos?
 Foi Deos que me punio: co'a fronte baixa,
 Coberto o rosto de vergonha—e timido
 Como aos pés do senhor um vil escravo
 Subi de um rico a escada—supplicante.
 Villão mesquinho! dentre os frouxos labios
 Sorriso fronxo despontou;—e a testa
 Baixa, e curva, e calva, e as faces
 Cheias de rnga—de pallor,—e o rosto
 Vidrado—e baço—erão ruim composto

D'avarento feliz. e'os pés no feretro.

Teo nome—não direi—que fora eterno. .
Foste sem elle em vida, em morte—o sejas!

Ah! que se eu não quebrei n'aquelle instante
A minha harpa—inda então desconhecida—
Foi porque ainda queria confessar-te,
Ó meo Deos—que foi grande o teo castigo,
Foi porque ainda queria ao mundo inteiro
Por mór vergonha minha—confessar-me
Baixo—infame—e vil—quando essa escada
Do avarento subi!—que não esmola.

Mas um favor pedindo!

NO ALBUM

DE

MEU AMIGO ANTONIO CARDOSO AVELINO.

Como sentimos no peito
Penosa melancholia,
Quando o sol vai sobre o occaso,
Quando morre um bello dia,
Tal é a saudade amarga
Que eu sinto por te deixar.
Será eterna? quem sabe!
Escuto o mar que rouqueja
Sobre a extrema do horisonte
Vejo a nuvem, que negreja,
E as ondas, que bravas lutão.
E a immensa extensão do mar.

Nesta vida transitoria

Onde tudo é passageiro
 Quem soluça o Adeus de um dia
 Não soluça o derradeiro?
 O real que ha neste mundo
 É soffrer, penar. morrer.

Vou-me pois de ti saudoso,
 Vou rever a minha terra,
 Esperanças d'um futuro
 Brillhante, meo peito encerra:
 Mas que dores lá me esperão?
 Mas o que heide lá soffrer?

E quando triste pensares

Na nossa pura amisade
 Que nunca soffreo desconto,
 Certo que a triste saudade
 Na tua alma bella e pura
 Seos espinhos gravará.

Mas passe um lustro—se o acaso
 Nos levar á extranha gente,
 Se em mim primeiro attentares
 Não cuidadoso—indifferente
 Farás a cruel pergunta:
 ¿Este homem—quem será?

Esse homem—foi tua alma,
Foi delle o teu pensamento,
Tua foi sua alegria,
Delle foi o teu tormento,
Chorastes ambos pensando
Na longa separação.
Fostes amigos sinceros
Extremos ambos scismastes
Foi elle—que te amou tanto,
Foi a quem tanto amastes,
Que de ti—tão longe vive
Tão perto—no coração!

Porto — Janeiro de 1865.

MONOLOGOS ¹

I

À RESTAURAÇÃO

DO RIO GRANDE DO SUL.

F A O

NASCIMENTO DO HERDEIRO PRESUMPTIVO.

Acorda—acorda—ó Vate!—Eis que a alegria
Do profundo scismar vem distrahir-te,
E—cheio de praser—em meio às turbas
Palpitantes de amor—arremessar-te.
Exulta, ó Vate. exulta! ergue o teu canto.

¹ O auctor, pagando tributo ao gosto do seu torrão natal, escreveu este e os seguintes monologos, que foram recitados nos dias em que se acham daetados, no theatro particular—*Harmonia*—da cidade de Caxias.

Esse teu canto recendendo aromas
 Sereno—como a brisa, e tão suave.
 Como orvalho do céu.

Não vês?—Se a grande enchente arrasa o leito
 Do mesquinho regato—as ondas fervem
 Contra a riba impotente, e longe cobrem
 A esmeraldina côr dos vastos campos!
 O terno sabiá desata o canto
 Apenas o sentir lhe aperta e oprime
 O estreito coração.—Exulta, ó Vate!
 É tempo—acorda—o teu cantar desfere
 Como a enchente—profundo: e meigo, como
 Trinar do sabiá.!

Anos e annos padeceo mesquinho
 O Rio-Grande—uma província inteira
 Aparelhada de horror—tristesa—e lucto—
 Involta em maldições—involta em pranto!
 Ali—negra discordia—o facho acceso;
 Vibrou sanguinolenta; ali sentou-se.
 E soberba reinou por longo espaço.
 A raiva se ateou; quem tinha braço
 E espada que vibrar, vibrava a espada—
 Quem tinha dores que soffrer—soffreo-as.
 Quem olhos tinha que vertessem pranto.
 Pranto amargo verteo!—Assim cansou-se

O braço — e o coração; mais pura a vista,
 Por que se adelgacava o veio das lagrimas,
 Quando pode encher gar — descortinava.
 O que? — destruição — incendios — mortes!
 Ruínas fumegantes. . — Com tal vista
 Creou a nova dôr lagrimas novas —
 Creação nova força arfados peitos
 Que a tantos annos de soffrer vivião!

Então por sobre os combros derrocados,
 Por sobre os feixes d'armas bi-partidas,
 Entre montãos — de extinctos inseultos —
 Errava o incerto pé da mãe, da esposa —
 Tremendo de encontrar feições queridas
 Na face involta em pó — collada ao sangue!
 Aqui chorava a filha, e contra o peito
 Mil e mil veses apertava o exangue
 Paterno rosto de pallor tingido,
 Na delirante dor julgando-o vivo.

E a espada cahio do braço armado,
 E o canhão não souu rugir de morte.
 Erão todos irmãos — soffrião todos!

Nós, Caxienses, nós — tambem soffremos.
 De fraterno lidar o fel amargo

Provado hemos tambem.—Assim mais leda,
 —Irmãos na mesma dor—será nossa alma—
 Mais intenso o praser, mais alto os vivas.

Mas vedel Como o sol, brilhante e claro
 No frescor da manhã—doirando as nuvens,
 A prole de Braganca—eil-a que nasce,
 E a discordia civil—raivando ulula,
 E o civil batalhar soberbo—infrene
 O extremo arranco soluçou raivoso.

Acorda! acorda!—ó Vate; eis que a alegria
 Do profundo scismar vem despertar-te,
 E cheio de praser—em meio ás turbas
 Palpitantes de amor—arremessar-te.

II

AO ANNIVERSARIO

DA

INDEPENDENCIA DO MARANHÃO.

Avante! avante! ó Bravos—Do Ipyranga
Sôu do nobre peito altivo grito,
—Independencia ou Morte!—Heroico brado
De sublime sentir, que nobres sentem,
Pur vis não comprehendido; um Povo inteiro,
Unisono responde—á voz excelsa—
Ruidoso e forte—Independencia ou Morte!

Arroxados grilhões supporte o escravo,
Não desponte sequer nos labios delle

A prece humilde do que implora a vida,
 Supporte affrontas vis—o ente infame
 Às injurias, baldões, escarneo affeito,
 Em cujas faces o pudor não brilha,
 Em cujas veias já não gyra o sangue,
 Em cujas labios não borbulhão vozes
 De raiva—de rancor —d'honra offendida.
 Mas o que tal não for—o que no peito
 Sente gravado em firmes caracteres
 —Amor e Patria—e Liberdade e Honra—
 Sopese a lança e leve a mão da espada,
 E venha á campo apercebido em guerra.

A Patria chama aos seos—ou morte ou vida.
 Ou luz ou trevas da batalha pende—
 Liberdade ou morrer! Avante! ó Bravos.
 É grato ao Lidador a lide accesa,
 O pó do campo--o estrepido das armas,
 Da balla o sibillar;—fertil o saugue
 Do que procura a liberdade sancta,
 Honrosa a morte que liberta a Patria.
 A Patria chama aos seos—Maldito o filho
 Que ao prantear da mãe não verte pranto,
 Maldito o cidadão—que não tem braços,
 Sangue nem coração, que tributar-lhe
 Quando ella em dia afflicto--aos seos convoca.

Terras do Maranhão—terras ditosas,

De gallas, de primores revestida,
 Que o aváro Hollandez tanto almejava,
 A bella França cubiçou teos mimos,
 E ufanos de se ver sobre os teos mares
 As flores tres de lyrios—assumirão
 Fulgor mais vivo— no teo ceo brilhante!
 E as quinas de ver o fero aspecto
 Do negro Adamastor—quasi temerão—
 No cabo das procellas combatido—
 Amavão pelos ares deslisar-se
 Da tua mansa brisa ao leve sopro,
 Como depois de um souho tormentoso
 Ama o triste acordar á luz da aurora.

Terras do Maranhão—terras viçosas!
 E o estrangeiro hade colher teos fructos,
 Calcar-te o solo—espedaçar-te as flores,
 E tu erma serás—escrava e muda,
 E tu sem filhos—sem valor—sem alma.
 Oh! não—que o brado excelso do Ipyranga
 Electrico voou por montes—valles—
 Do mar nos altos Andes repulsando
 Do Prata ás fertes margens do Amasonas.

E esse brado passou!—depois silencio.
 Depois lidar acceso—mortes—prantos.
 E a alegria por fim, que a torva morte

Afflicções e praser remata em breve.

Mas do tempo que foi—que resta agora?
Memoria apenas—recordar de males,
Suave, quando o tempo os tem quebrado.
Agora resta amor ao patrio sólo,
Amor á liberdade—á Independencia
Do Brasileiro Imperio em mundo novo,
Erguido em verdes prainos vicejantes:
Agora—amor á prole de Bragança,
A Pedro—Imperador.

Cachias —28 de Julho de 1845.

AO ANNIVERSARIO

DA

INDEPENDENCIA DE CACHIAS.

Cachias, bella flor—lyrio dos valles,
Gentil senhora de mimosos campos,
Como, por tantos annos foste escrava,
Como a indomita cervis curvaste ao jugo?
Oh! sim—bem longos annos insoffríveis,
Rainha altiva—destoucada e bella,
Trajando negro dó—em negras vestes,
Rojaste aos pés de um regulo soberbo.
À mingoa definhaste em negro carcere,
Onde um raio de sol não penetrava.
Em masmorra cruel—dónde não vias

Scintillar o clarão d'amiga estrella.
 Oh! não lusir da esperança tinhas n'alma,
 E o sol da liberdade—um dia viste
 De gloria e de fulgor resplandecente
 Em céu sem nuvens no horisonte erguido.

O clangor da trombeta aballa a terra:
 —Eia! ó Bravos! erguei-vos—á peleja,
 Á fome, á sede, ás privações—erguei-vos!
 Tu, Cachias, acorda—tu, rainha,
 Lamina d'aço puro involta em ferro.
 Ao sol refulgirás—flor que esmoreces
 Á mingoa d'ar em carcere de vidro.
 Em ar mais livre cobrarás alento,
 Graça e vida e frescor da liberdade!

Eia! o bronzeo canhão rouqueja—estoura,
 Rimbomba o ferreo som de um echo em outro.
 Nuvens de fumo e pó lá se condensão.
 Correi, Bravos, correi—mas tu és livre!
 És livre como o arbusto dos teos prados,
 Livre como o condor que aos céos se arroja—
 És livre!—mas na accesa phantasia
 Debuxava-me o espirito exaltado
 Fragoas de crua morte—horror da guerra
 Descobrir, contemplar.—Oh! fôra bello
 Arriscar a existencia em pró da patria,

Regar de rubro sangue o patrio solo—
E sangue, e vida, abandonar por ella!.

Longe delirios vãos!—longe phantasmas

D'ardor febricitante!

À gloria deste dia comparar-se

Pode acaso—visão—delirio ou sonho?

Ao fausto anniversario

Da nossa Independencia?

Aclamações altisonas

Corrão nos ares da immortal Cachias,

Seja padrão de gloria entre nós outros

Sanctificada aurora

Que os vis grillhões de escravos vio partidos.

Cachias—1 de Agosto de 1845.

TRISTES RECORDAÇÕES!

Meos amigos d'infancia, onde são elles?
Digo em redor de mim volvendo os olhos.
Asinha m'os roubarão
A fortuna—ambição—praser ou gloria,
Longe—bem longe são: eu no meo ermo
Procuro-os, mas embalde!

E a ventura se me foi, qual lympha
Que se escoa das mãos sem ter molhado
Os labios ressequidos,
Foi como o viajor que á grata sombra
Se abriga da palmeira—onde seos passos
Não mais o guiarão.

E essa que tanto amei—que amou-me tanto,

Cujá presença me escaldava a mente,
 Cujá voz me encantava,
 Cujó silencio me fallava n'alma,
 Essa mulher—tão terna—e amante, e pura;
 Essa mulher deixei-a!.

Deixei-a por não dar-lhe em recompensa
 Um thalamo de espinhos—uma taça
 De fel e de amargores.
 Deixei-a porque horrivel é meo fado,
 Minha vida penada, e eu não quisera
 Assassinal-a commigo.

E agora, que me importa que a flôr brilhe,
 Que o sol nos céos—splendido scintille,
 O mundo que m'importa:
 Certo que a flôr não me dará, que eu espere,
 Nem o sol novo amor—nem o universo
 Me póde dar ventura!

Serei julgado ingrato—e logo o tempo
 Da mente della—varrerá meo nome,
 Dos seus olhos meo rosto:
 Eu poreo guardarei—o que era d'ambos
 —A lembrança de amor tão mallogrado,
 Minha vida na terra.

AO ANNIVERSARIO

DE

D. F. S. R.

Quem se atreve a cantar hymnos á flôr
No denso musgo do botão fechada!
Ou leda e viva, e rutilando em cores,
Immensa em luz, e de praser banhada!

Quem se arroja a cantar hymnos aos anjos
N'um dos annos sem fim da eternidade.
Se o seo viver é poesia e cantos.
Ledice, amor e luz, e amenidade?

Nem anjos, nem a flor nos pedem versos,

Que sendo o seu viver tão só poesia,
Um hymno eterno, melindroso e bello,
Somente bem cantal-os poderia.

Não basta, não, terrena melodia,
Nem rudo canto pouco duradoiro,
Nem voz de trovador—cansada e fria,
Nem lyra de marfim cravada d'oiro.

Não tenho voz de trovador sonora.
Nem d'oiro a lyra eburnea cravejada.
Nem vos canto, Senhora: só vos digo,
Que sois di'na de ser melhor cantada.

A VIOLETA.

(NO ALBUM DE A. G. O. Ç.)

Mulheres ha que á rosa semelhantes
Das suas louçanias fazem gala;
São gentis!—ellas proprias o conhecem,
E sabem que outra flor as não iguala.

Outras como a açucena campesina
Ménos vaidosas são; porem mais bellas:
Da brisa ao sopro entregão-se innocentes
Que vem dos céos por conversar com ellas.

Aquella na garbosa formosura,
Nos espinhos, que a cercão, se confia:

Esta armada de púdica innocencia
Evita o sol estivo e a noite fria.

Tu, que a modesta violeta imitás,
Te escondes no silencio da folhagem,
No abrigo do pudor mysterioso
Que teme o sol e o bafejar da aragem.

Aquella no perfume se reveia,
Tu nas singelas graças que revestes:
Occultas ambas—sem as ver sentimos
O aroma puro dos jardins celestes.

AO CASAMENTO DA FILHA DO SR. NORRIS.

São felizes os laços que amor trama,
E que abençoâ Deos:
Que tem na mulher a delicada origem,
E uma c'roa nos ceos!

Disem na terra os homens, quando os veem:
—Que aventureados são!
Em quanto das alturas cáe sobre elles
A celeste benção.

São dois n'uma só alma, duas flores
Presas n'uma haste só,
Duas aves que vagão pelo espaço
Sem ver terreno pó.

Dois navios que juntos—de conserva,
Cortão o salso mar,
Dois cysnes que á flor de um manso lago
São vistos a brincar.

Ai! nunca as aguas d'esse lago tolde
Raivoso furacão,
Nem se desgarrem pelo undoso espaço
As náos que juntas vão.

Como festivos se partirão, cheguem
Venturosos tambem
À mansão, onde o orfão tem familia,
E o triste risos tem;

Ao logar onde os laços de amor puro
Ledo abençoâ Deos,
Onde as plantas da terra se convertem
No perfume dos céos.

Emtanto os homens, quando passem, digão:
—Que aventureados são!
E dos espaços sobre vós se entorne
Celeste benção.

CONSENTE-ME ESCREVER AQUI MEU NOME!

Ao teu livro uma página roubando,
Consente-me escrever aqui meu nome.
É talvez quanto resta de um amigo,
Quando a terra o seu corpo já consome.

Isto apenas! que o homem—frágil barro,
A vida frue apenas um momento,
Bem feliz quando lega uma saudade,
Ou deixa atrás de si um pensamento!

Vive tu, vive feliz, enquanto
O meu destino sigo caprichoso.
Fará tua ventura a de um amigo,
E a dita de ambos me fará ditoso.

NO ALBUM DE D. LUIZA AMAT.

Amisade—amor!—laço de flores
Que prende um breve instante
O ligeiro batel á curva margem
Da terra hospitaleira;
Com tanto amor se ennastra. e tão depressa,
E tão facil se rompe!

Á mais ligeira ondulação dos mares,
Ao mais ligeiro sopro
D'escassa brisa—destranção-se as grinaldas:
O baixel se afasta,
Veleja, foge, até que em plaga extranha
Naufragado sossobre!

Talvez permitta Deos, que tão depressa

Estes laços se rompão.
Por que nos peze a vida, e os seus enganos
Mais sem custo deixemos:
Sem custo assim a brisa arrasta a folha,
Que jaz solta na terra!

Rio de Janeiro--1852.

TU NÃO QUERES LIGAR-TE COMMIGO ¹

Tu não queres ligar-te commigo,
Que me fosses mulher t'infamára!.
É tua casa no sangue tão clara,
Que eu me honrasse de unir-me contigo?!

És acaso tão pura lindesa,
Que eu não possa tua mão apertar?..
Mas teos olhos com menos pureza
Outros olhos já vi afagar!

E esses labios que a jura de esposa

¹ Foram publicados estes versos com o título de—*Estancias*—
NO PARNASO MARANHENSE—1861.

Para mim não darias no altar.
 Nesses labios alguém já não ousa
 Algum beijo de amor estampar?

Já me ouviste fallando de amores,¹
 Um carinho dos teos mendigar?
 Já me ouviste cantar dissabores
 Que o amor me fizesse passar?

Pobre louca, que o orgulho atormenta.
 Despe a bronca vaidade que tens,
 Nem a mim teo amor me contenta,
 Nem me ferem teos falsos desdens!

Sei amar, mas a ti! não soubera;
 Sei soffrer, mas por ti. também não:
 De te amar nenhum gosto tivera,
 De perder-te—nenhuma afflicção!

O meo nome que engeitas vaidosa.
 Que de illustres avós não herdei,
 Cobre ao menos pobreza orgulhosa.

¹ Esta quadra é inédita.

Que eu contigo jamais partirei!

Não te assuste esse fado tristonho,
Não te deixes vencer da afflicção,
Vive em paz! . que eu não quero, não sonho,
Ter a posse do teu coração.

Mas se acaso uma sorte medonha
Violentar-me por ti a dar ais!
Possa ao menos morrer de vergonha,
Quem de amor não morrera jamais!

AS ARTES SÃO IRMÃS.

As artes são irmãs, e os seus cultores
Do fogo creador nas mesmas chammas.
Perante o mesmo altar, corôa-se, ardendo.
A mesma inspiração, que accende o estro,
Guia a mão do pintor quando debucha
Do rosto nas feições o brilho interno,
Dá linguagem sublime á estatua muda,
Ou languida na lyra se transforma
Em sons cadentes, que derramão n'alma
Idéas do praser—do mal no olvido!
O mesmo enthusiasmo as vivifica,
São iguaes, são irmãs no amor do bello!

NO ALBUM DE D. AMERICA P. R. LOPES.

Bella flôr que despontaste
Junto á margem do meo rio;
Que viço e graça creaste
Ao desfructar o cicio
D'uma aragem tropical;
Quem foi que dos patrios climas
Te transportou—melindrosa:
Se aqui levemente inclinas
A fronte bem como a rosa
Longe da gleba natal!

Como tu peregrinando
Chóro a patria dos meos sonhos.
Aves que folgão em bando,
E aquelles bosques risonhos
Cobertos de fructo e flor:

Mas tu, anjo e flor, desterra
Esse véo d'agra tristesa.
Florece a flor, onde ha terra,
Scintilla e cresce a bellesa
Onde ha ceos. e vida, e amor.

FRAGMENTO.

Quando a morte nos colhe, o que nos resta
A não ser das virtudes grato aroma?
Então áquelle tronco semilhamos,
Que o ferro abriu, a desfazer-se em goma.



Se no fogo se abrasa, se enovela
O odoro incenso, remontando aos ceos,
—Perfume grato de oblação terrestre
Que nas alturas abençoá Deos.

POEMA AMERICANO.

FRAGMENTO,¹

Fertil a terra produzia outr'ora
Deleitosa abundancia: em toda a quadra
Lourejava o caju, pendia o milho
Das verdes hastes—uberosas glebas
Aqui, ali, rachavão-se, mostrando
A macacheira, o aipy—da vida esp rança.
Piscoso o rio, as margens povoadas,
Piñgue a floresta, semelhante á fera
Que ao recém-nado filho as tetas duras

¹ Estes magníficos versos, começo certamente de um poema no genero de *Tabira*, de *Y-Juca-pyrama*, dos *Tymbiras*, e destinado para descrever uma das mais poéticas lendas da theogonia tupy, parecem-me escriptos no Amasonas, em 1861. Tenho que já o houvesse terminado, e que ao passal-o a limpo, ficou n'essa phrase—o eminoso collar—que nos deixa aguardo o prazer de ler e possuir mais um poema americano de quem os sabia escrever como ninguem.

Copia de leite incommodo apresenta.
 Tal se mostrava a natureza—outr'ora.
 Foi isso outr'ora—o homem de insensato
 Do bem que tinha desgostou-se em breve,
 Novo praser buscando em males novos!

Eis qu'entre os de Tupãu filhos revoltos,
 Prodigio extranho—de melenas brancas,
 Alvo o semblante, venerando o aspecto.
 Forasteiro ancião se mostra subito;
 Mas válido e robusto envelhecera
 Como envelhece o ipé. Derão-lhe os annos
 Mais cerue ao tronco—magestade ás ramas.

Traz máo conselho a frouxidão do ocio,
 O velho assim se exprime: os dons do Ybake,
 São do Ybake outra vez, já não são vossos;
 Mas tendes franca a terra, livre a escolha
 Da sorte (eu vol-a dou) que mais vos prasa,
 Podeis rasgar-lhe o seio, fecundal-a
 Com improbo trabalho: as louras messes,
 Que ora vecejão, sós virão á custo
 Do parco agricultor em premio á lide;
 Talvez porem malsasonados murchem,
 Ou no verdor das folhas mentirosas
 Poreis esp'rança vã de larga ceifa.

Detem-se o velho aqui—turvos semblantes
 Contempla em torno a si: porem mais turvos
 Nota que são depois que a voz lhe ouvirão.
 Loucos, que rejeitaes de um Deos a offerta,
 Mal sabeis quanto é grato ver a planta
 Crescer, vingar á força de cuidados,
 Hoje verde e viçosa—amanhã triste
 E murcha um pouco—já retoma o viço,
 Alarga os ramos—côpa-se frondosa,
 Malisa-se de flores que embalsamão.
 E emfim de fructos carregada vérga.

Outra sorte quereis? prosegue o velho,
 Outra sorte vos dou—Quereis na vida
 Asperrima e cruel de accesos prelios
 A terra conquistar, e em duras festas,
 Emquanto os hymnos da victoria soão,
 Com langor celebrar cruentas lutas?
 Guerra quereis emfim?—«Queremos guerra.
 E da terra o labor ingrato e duro
 Á turba mulheril fique e se guarde.»
 —Guerras tereis, lhes torna merencorio.
 Sem descanso as tereis: e n'isto arroja
 No solo pulvurento a bruta massa.
 Com arma igual sereis nunca vencidos—
 Disse; mas ai de vós—de vossos netos,

Dos últimos vindouros, se rebentão
 Discordias entre irmãos—Tristes! se acaso
 Não pondes cobro ao mal! Hade o contágio
 Lavrar por todos vós—té que vos faça,
 Dominados de atroz vingança infausta,
 A extraanhos fins servir em damno proprio!

Mal attendem aos ultimos conselhos—
 «Á guerra! á guerra, amigos—todos bradão,
 Nesse viver de asperrimas contendas
 Fama, trophéus se luera, e nome illustre.»
 Disem, fassem-n'ó assi, prestão-lhes armas
 O mar, o rio, as arvores e arbustos,
 Nem lh'as refusa a planta, o rude galho
 Pasma de ver-se unido á dura pedra,
 Facil por mãos robustas manejado.
 Guarda-os o couro do tapir—á forte escama
 Do jacaré sanhudo—á arraya, o peixe
 A farpoadá seta lhes agução,
 Fibras do gravatá vergão sem custo
 Do ipé e da braúna os arcos duros,
 Arma-os a canarana e a voragica,
 E hervada de finissimo veneno
 Nas plumas dos volateis silva a morte.

Na posse do tacápe lhes foi dada
 Da terra a posse—invadem conquistando.

Imperão, mas de sangue se embriagão.
 E o bravo outr'ora, hoje cruél se chama!
 Que vale resistir-lhes?—Tudo cede,
 Tudo ao seo poder se acurva e humilha.
 Ferteis ilhas perdidas no oceano
 Do seo nome se chamão: foi de balde
 O trato que as divide—infindas hostes
 Para defesa armadas—brandos ventos
 Os levão—no fronteiro continente
 Surgem, tranquillo o mar, na extranha ygara.
 Já senhores, nas tabas opulentas
 Folgão de ouvir mesclados dialectos.
 Extranhos sons na feminil loquela.

Agoas da corrente assoberbada
 Pela furia do inverno, que vencendo
 Com impeto fremente as altas margens.
 Arvores prostrão, selvas de liames
 Boiantes apoz si ao pego arrastão—
 Novos leitos forçando,
 Tal dos heróes a furia se revela;
 Mas ai dos malfadados, que já travão
 Combates entre si!—Um Deos que vale!
 Que prestão seos avisos, quando o odio
 Crava raiz na terra ensanguentada.
 E á vingança o guerreiro excita e impele?

Qual fosse a causa da fatal zizania,
 Lembrai-m'a vós, espiritos benignos,
 Que na voz da acauán gemeis sentidos.
 Ai nesse mesto canto inda suspirão
 Almas fortes de heróes,—inda lamentão
 Da discordia os fataes e ruins effeitos,
 Da selva as ramas fremem compassivas
 Nos echos murmurosos—nós, seos netos,
 Prestamos surdo ouvido á voz plangente

Crangé, filho de Imbé, guerreiro illustre
 De ser dos chefes o maior s'ufana,
 Graças á turba infinda que o rodeia.
 Mais rico de trofeos—Taóba ostenta
 Colar que cinco veses sobre o peito
 Frouxo e ás largas lhe cahe, e a lunar forma
 Cinco veses crescendo multiplica:
 Rico de igarités, de remos fortes,
 Que a seo querer do mar as ondas rasgão.
 D'espalhar o espanto, e o susto e a morte
 Ao longe se contenta—á nma ilha, e á outra
 Do seo nome o terror levão as ondas.
 Crangé propõe-lhe um dia: «Illustre chefe
 D'igarités sem conto—eu de soldados
 Copia infinda governo—nossas forças
 Unamos pois, e os maracás se ajuntem.
 A ti e a mim cabendo igual imperio.

Em firme, eterna alliança: e como o vento
 Quando revolto nestas illas sopra,
 Vamos à terra opposta, ali teo nome,
 Guerreiro illustre, e o de Crangè se escutem!

Taoba aceita, inumeras ygaras
 Rasgão do mar o seio entumecido,
 Tres sóes—e ao quarto sol a fofa espuma
 Cospem de Marajó nas brancas praias.

Grato descanso após penosa lida
 Presta-lhes amiga terra,—ovantes folgão
 De ver, examinar, correr a praia,
 Fructos colher, a discutir quaes sejam
 Da terra inculta os incolos: que sorte
 Lhes occulta o porvir. Taoba emtanto
 Vai só—quasi sem armas—invias matas
 No ardor que cego o arrasta p'rescrutando.

Subito os bosques rasgão-se—apparece
 Ao longe o mar—e proxima arenosa
 Branca praia scintila ao sol do ocaso,
 E aqui, alem, dos muricis nas moitas
 Em juvenil folguedo descuidadas
 Brincão donzellas mil; a mais airosa
 Meigo feitiço d'olhos que susprende

Vontade e corações—por annos quinze
 Escassos, vira em flor o cajueiro,
 Nasceo com ella o jussaral no brejo,
 Mal no porte gentil e airoso a iguala,
 Mas fructo inda não deo, inda não tinge
 De roxa e viva cor os longos caxos.

Tollida pela subita presença
 Do barbaro guerreiro—desfalece,
 Desmaia a triste, qual se horrendo tigre
 Tivesse em frente a represar-lhe a vida
 No coração. Taoba, que mal pensa,
 Por quanto lhe revolve e agita o seio,
 Ter ante os olhos seos humana forma,
 Quem seja inquire e de que paes nascida.
 Da sação de terror tornada apenas
 A misera responde:—«não conheço,
 Bemdiga-me Tupan, nem pae nem tribu,
 A mim tapéra os cariris me chamão.

—«Tapera a ti?! já não u'o és, se o foste;
 Nas surdas tabas a andorinha folga
 Prendendo os ninhos seos aos ermos tectos,
 Mas tu, que para adorno do guerreiro
 Nasces, ave gentil, guará soberbo,
 Virás comigo—onde Pery mimosa,
 Na idade igual a ti—talvez mais bella,

Noiva de seo bom pae te abraçe amiga.
 Pasmados te contemplem meos guerreiros
 O rosto e o porte,—a miulha escolhia applaudão,
 E de Taoba o xerimbabo invejem!»—
 Disse e não mais, travando-lhe do braço.
 Ella, qual mimosa sensitiva,
 Desmaia ao toque rude; elle a sopesa
 E nem lhe sente o peso, recorrendo
 A nota senda, qual jaguar sanhudo
 Que ao outro leva a cõrça esmorecida—
 Pasto abundante á fome que o devora.

Preza infeliz ! funesto encontro aquelle,
 Mal entra no arrayal, vendo-a tão bella
 Rudos e feros os corações se enlevão,
 Porém de Imbé com mais violencia a chamma
 Se lhe ateia no peito—tudo olvida,
 Cedendo ao impulso de fataes desejos,
 A empresa começada, a propria gloria.
 Guerras, conquistas—tudo—desde essa hora,
 D'aquelle ser na posse os seus anhelos
 Concentra; e fóra d'elle o mundo é nada.

«Desse mimoso achado em cambio aceita,
 Venturoso Taoba, o arco, as setas
 Armas, trofeos de Imbé—e os seus guerreiros
 Sigão do teo. cocar mescladas plumas,

Bemquistas da ventura: eu dessa joia
 Contente e pago, ás patrias illias volvo.»

«Verde nefrito achei, lhe diz Taoba,
 Que me podes tu dar da pedra em troco?
 Se d'outrem fora, eu pol'a haver servira
 Quantos annos do ipé tem visto as flores.
 Trocal-a não—dal-a tão pouco—é minha.
 Com zelo a guardarei—feitiço e risos
 Do triste alvergue meo—depois que a morte
 Orfã minha Pery deixou comigo.»—

«Da-m'a, lhe diz Imbé: cabe a mais bella^a
 Ao mais valente, e a ninguem cedo—o sabes!...»

—«Excepto a mim somente,»—lhe replica
 O selvagem guerreiro alçando a fronte,
 E a vóz ao gesto; freme-lhe no peito
 O ominoso colar! . . .

.

POSSEIDON

Sobre o mar que sem fim se desdobrava
Tremia a luz do sol; no porto, ao longe
Branquejava o navio
Que transportar me deveria á Patria.

Não era o vento de feição. Tranquillo
Sentava-me eu nas dunas alvejantes
Na solitaria praia
A ler os cantos da Odyssea, os carmes
Antigos, mas eternamente bellos
D'immortal juventude, e dessas follas
Do salitre das ondas salpicadas
Subia-me risonho
O halito dos Deoses,
A primavera esplendida da vida,
E do Hellas o ceo resplandecente.

Meo nobre coração acompanhava

Nos seus errores e afflicções o filho
 Prudente de Laerte: de tristezas
 Cortado, e cabisbaixo, junto d'elle,
 No lar hospitaleiro,
 Onde as rainhas purpura fiavão,
 Sentava-me, ajudando-o nas mentiras,
 E a esquivar ditoso
 Braços de nymphas, covas de gigantes
 Acompanhava-o na cymerea noite
 Por entre tempestades e naufragios,
 E soffria miserias indisiveis!

E suspirei: Quanto és cruel, Poseidon!
 Tremenda é tua cholera!
 E a mim proprio me anecia
 O meo retorno á Patria!

Mal proferira estas palavras, quando
 O mar de luz espuma,
 E d'entre as brancas ondas vai surgindo
 Do Deos do mar a fronte
 Croada de canieços,
 E diz-me zombeteiro:

De mim nada réceies, poetastro,
 Em caso algum injuriar desejo

O teu pobre chaveco,
 Nem anciar teos preciosos dias
 Com balanços por demais medonhos;
 Pois tu, meo bom poeta,
 Nunca contra ti me encheste d'ira,
 Nem uma torre só, nem a somenos
 De Priamo alluiste,
 Nem trepaste de Troia os sacros muros,
 Nem um só cabellino sapecaste
 Dos cilios de meo filho Polyfemo,
 E nunca sobretudo protegeste
 Rica de bons conselhos
 Pallas Athene, Deosa da Prudencia!

Assim fallou Poseidon,
 E assim fallando se afundou nos mares;
 Mas ás grosseiras chufas do marujo
 Por debaixo das ondas
 Amphitrite, a divina regateira,
 E as parvoas filhas de Nereo—se rirão! ¹

Lisboa, 3 de Maio de 1864.

¹ Deixei de proposito de collocar esta bellissima poesia lyrica, reminiscencia da litteratura classica, entre as que vão sob o titulo de—*Versos modernos*—por ser de um genero diverso do d'aquella collecção. É talvez o penultimo poema que traçasse o poeta antes de emprehender a infeliz viagem de que graceja n'estes versos.

SONETOS.

I

A ESMERALDA.

Vede a soberba divinal creatura
Na *Corte dos Milagres* milagrosa!
A caterva brutal estrepitosa
Extranha e pasma tão gentil figura.

Encobre a peregrina formosura.
Tão extranha de si—tão graciosa.
A mente inda mais bella e mais formosa.
E inda mais pura do que a neve pura.

Ao ver a cortesã face mentida
D'esse que te salvou, que tanto amaste,
Perdeste o coração—perdeste a vida.

Não quebrou teu amor cruel tortura,
Com elle inda no carcere scismaste,
Foi delle o teu pensar na morte escura.

Coimbra—1844.

II

A CLAUDIO FROLLO.

Na mente renegando o altar sagrado
Por seguires do seculo a demencia.
Quiseste consumir tua existencia
Em busca do segredo em vāo buscado.

Jā hoje tens o rosto descorado
Nas vigalias da accesa intelligencia.
Que intentaste, rival da Providencia.
Do saber divinal faser achado.

Esse raio do sol, tua obra d'oiro,
Ó sabio—ja o vês—produz o amor—
O amor, coisa melhor que o teu thesoiro.

O amor—a só ventura dos humanos,
Praser celestial—ardente flor,
Que não pousa nas cãs dos tardos annos.

Coimbra—1844.

III

AO QUASIMODO.

A desforme cabeça lhe descia
Entre dois oucos montes; na achatada
Fronte por fulva coma sombreada
Um olho de ciclope apparecia.

Um tetraedro por nariz trasia,
E da nojenta bocca desdentada
Por entre a dentadura feia e usada
Bem raro a rouca voz se desprendia.

Tinha braços e pernas mui calosos,
Era todo seo corpo um calo inteïro,
Um composto de calos monstruosos!

E d'elle se disia: É vesgo infame,
Coreunda—torto e coxo e feiticeiro,
Sineiro atroador de *Notre-Dame*.

Coimbra—1844.

IV

A NOTRE-DAME DE V. HUGO.

Satanaz passeiando—veio um dia
Ao mundo sublunar e vio creada
A formosa Esmeralda—doce fada,
Vivo sonho de viva phantasia.

Ora o diabo tem queda pra a ironia.
—Heide pregar, disse elle, cassuada
No padre eterno, que não sabe nada.
Se não sabe o que é bom em poesia.

Fallou desta maneira o Sr. Diabo,
Escoucinhando no ar como um jumento,
Coçando a fula orelha e alçando o rabo.

E foi o resultado deste evento
Parir ao Quasimodo—que no cabo
C'o anjo do Senhor fez casamento.

Pitões—15 de Setembro de 1844.

V

AO ANNIVERSARIO NATALICIO DE S. M. I.

...heroum laudes et facta parentes
..... legis
Aspice venturo latentur ut omnia seculo.
VIRG. EOL. IV.

Podesse eu, triste vate, semilhando
O ronco do trovão, que ruge irado.
Alçar—enthusiasta—ingente brado
D'um pólo—n'outro pólo, repulsando.

Podesse, alem das nuvens remontando.
De mil astros brilhantes rodeado,
Derramar—sobre o globo electrizado
Seo nome, entre mil nomes fulgurando.

Podesse—a um brado tal o doce encanto
 Juntar de um terno cysne moribundo
 Que o alento final transforma em canto.

Teo nome, sem cessar, dissera ao mundo.
 Tu que és nosso Paladio Sacrosancto.
 Augusto Imperador—Pedro Segundo.¹

Cachias— 2 de Dezembro de 1815.

¹ Foi este soneto, como os monologos, escripto para ser recitado no theatro de Caxias. O Senr. J. J. da Silva Maçarona, poeta sertanejo, que então alli se achava, no dia seguinte enviou-lhe outro, pelas mesmas consoantes, e em que exaltava os meritos do nosso Dias. Reproduzill-o-hemos no VII volume d'estas *Obras*.

A. H. L.

VI

Baixel veloz, que ao humido elemento
A voz do nauta experto afoito entrega,
Demora o curso teo, perto navega
Da terra onde me fica o pensamento!

Emquanto vais cortando o salso argento,
Desta praia feliz não se desprega
(Meos olhos, não, que amargo pranto os rega)
Minha alma, sim, e o amor que é meo tormento.

Baixel, que vais fugindo despiedado,
Sem temor dos contrastes da procella,
Volta ao menos, qual vais tão apressado.

Encontre-a eu gentil, mimosa e bella!
E o pranto qu'ora verto amargurado,
Póssa eu verter então nos labios d'ella!

Rio de Janeiro—17 de Junho de 1847.

VII

Doce Amor—a sorrir-se brandamente
Em sonhos me fallou com tal brandura,
Que eu só de o escutar vida mais pura
Senti coar-me n'alma fundamente.

Depois tornou-se o tredo fogo ardente
Que o instante, o anno, a vida me tortura.
Bem longe de gosar tanta ventura
Cresta-me o rosto agora o pranto quente.

Homem, se homem és no sentimento,
Não zombes, não, de mim tão desditosa.
Nem seja o teu alivio o meo tormento.

Deixa-me a teos pès calir chorosa,
Soltar no extremo pranto o extremo alento,
Que eu morrendo a teos pès serei ditosa.

Rio de Janeiro—6 de novembro de 1847.

VIII

Apenas oíço dar Ave-Maria,
Quer seja tempo bom, quer trovoadá,
Lá vou eu nesta vida malograda
Ao pão-nosso, que espero em cada dia!

De crianças me assalta uma algarvia,
E a velha a pespegar-me aparelhada
Contos da eterna seducção malvada
Da quadrilha de heróes que a perseguia!

O campo de Santa Anna atravessando,
—Meo Deos, isto é, que é não ter miolo!—
Para vêr uns nenès que estão mamando!

Vê por fim se me dás ou não do bolo,
Se sim, nada direi; se não, bradando
Jurarei terra e ceos não ser mais tolo!

Rio de Janeiro—1848.

IX

Pensas tu, bella Anarda, que os poetas
Vivem d'ar, de perfumes, d'ambrosia.
Que vagando por mares d'harmonia
São melhores que as proprias borboletas?

Não creias que elles sejam tão patetas,
Isso é bom, muito bom mas em poesia.
São contos com que a velha o somno cria
No menino que engorda a comer petas!

Talvez mesmo que algum desses bregeiros
Te diga que assim é, que os dessa gente
Não são lá dos heroes mais verdadeiros.

Eu que sou peccador,—que indifferente
Não me julgo ao que toca aos meos parceiros.
Julgo um beijo sem fim cousa excellente.

Rio de Janeiro—1848.

X

Ando abaixo, ando acima, e sempre ás solas,
Afronto a tempestade, o vento, o frio,
Qual se fôra ambulante corropio,
Seguindo o exemplo emfim de outros patolas.

Do meo engenho e arte gasto as molas
Em suspiros quebrar que á luz envio;
E, já por teima só, render porfio
A cabeçuda, por quem rompo as solas.

E a amo, ella me adora com loucura,
Dil-o ao menos; se a Leijo não se espanta;
Paga-m'o até; se insisto... adeos ternura!

Do matrimonio a estatua se levanta,
Negro espectro! ella torna-se brandura,
Eu a imagem do horror que me aquebranta.

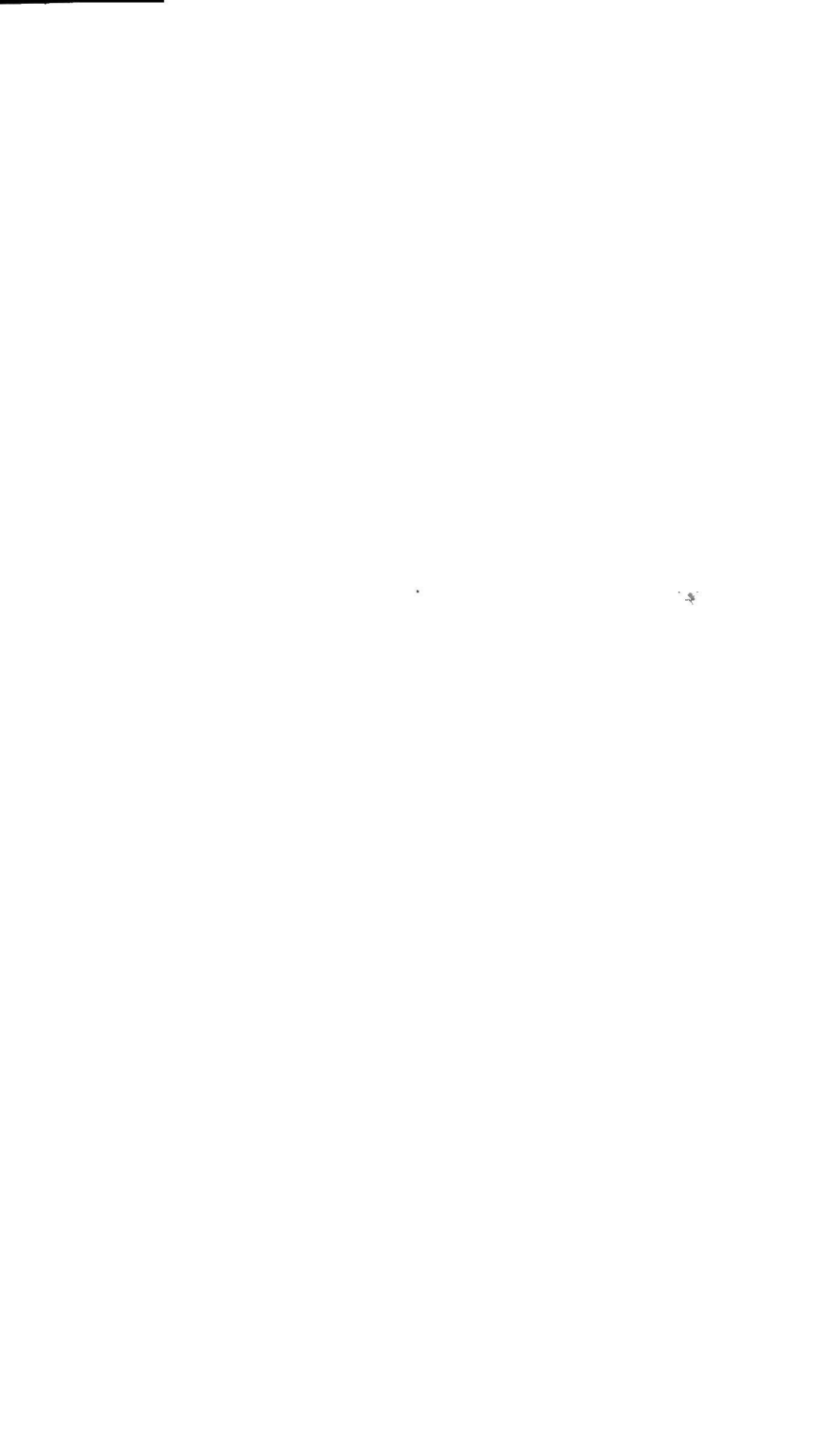
Rio de Janeiro—28 de Setembro de 1848.

EPIGRAMMA

A UM ACADEMICO DA ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

Olha, doutor, a poesia
É donzella melindrosa
Que aborrece a mal cheirosa
—A nojenta anatomia.

Porto—1 d'Outubro de 1844.



HYMNOS.



HYMNO AO DIA 28 DE JULHO.¹

(PARA SER CANTADO).

Fomos servos—n'outros tempos,
Curvados á prepotencia;
De estrangeiros soberanos
Mendigamos a clemencia.

Disiã que a liberdade
Nos podia ser fatal
Como nas mãos de um menino
Buido e fino punhal.

¹ Foi composto este hymno para ser cantado no theatro—*Harmonia*.

Disiño que nossos olhos
 Affeitos á escuridão
 Supportar não poderião
 Da liberdade o clarão.

E nós—Homens—Brazileiros.
 Nós sujeitos—nós curvados,
 Fomos servos largos annos,
 Largos annos—negregados !

Mas emfim lá do Ipyranga
 Altivo grito soou:
 Somos livres—longe o echo
 Somos livres—reboou.

Esse grito—foi principio
 De existencia vigorosa,
 Como incendio erguido em breve
 De centelha duvidosa.

Esse grito foi em todos
 Um só braço, um só querer,
 Voz de mil vozes accordes:
Independencia ou morrer.

E do norte ao sul—do occaso
 Do sol até ao nascer
 Festivo grito responde:
Independencia ou morrer!

E a liberdade,
 Essa donzella
 Candida e bella
 Filha dos céos,
 Entre nós outros
 Sem crua guerra
 Desceo á terra
 Das mãos de Deos.

Já somos livres,
 Oh! não scismemos
 Do que soffremos
 Em nos vingar.
 Irmãos—amigos
 Todos sejamos,
 Que respiramos
 O mesmo ar.

Pois que seguimos
 O mesmo norte
 Co'a mesma sorte,

Co'o mesmo asar,
Maldito aquelle
Que ousar primeiro
O nó fagueiro
Despedaçar.

HIMNO DOS REIS MAGOS. ¹

Entre pobreza e miseria.
Em singela habitação
É nascido o Deus-Menino
Para a nossa salvação.

Povos e reis, adoraes-o,
É nascido o Redemptor:

¹ Achavamo'-nos em 1850 reunidos, algumas senhoras e cavalheiros máranhenses, em uma casa hospitaleira, perto de Petropolis, na provincia do Rio de Janeiro. Havia um que sabia a musica e a toada melancolica, ainda que um tanto monotona, com que na nossa provincia folgamos em descantes na noite de 5 de janeiro; mas faltando as lettras, appellaram as damas para o poeta, que sem se fazer rogado, e a lapis compez a canção que ora publico.

A. H. L.

Vem viver, soffrer na terra,
Vem morrer por nosso amor.

Deixou a côrte celeste
E as galas ricas dos céos,
Quem entre os homens é Homem,
Quem entre os anjos é Deos.

Povos e reis, adoraæ-o &.

Lá das partes do Oriente,
Deixando os dominios seos,
Vem os Magos pôr as e róas
Aos pés do Meuino Deos.

Povos e reis, adoraæ-o &.

Vem off'recer os presentes
Que a Arabia Feliz produz.
Louvor a Deos nas alturas,
Louvor na terra a Jesus.

Povos e reis, adoraæ-o &.

VOLTAS

E

MOTTES GLOSADOS.



I

*Não pôsso dizer que não,
Não pôsso dizer que sim.*

—

VOZTA.

Senhora, pois que podeis
Dizer que não, ou que sim,
A ambos não magoeis:
Dizei—sim; mas não a elle.
Dizei—nõ: mas não a mim.

OUTRA VOLTA.

Senhora, que amor é esse,
 Ou que nova sem-rasão!
 Que se eu vos pergunto—sim?
 Respondeis-me sempre—não!

Senhora, é isso paixão?
 Oh! que o é, mas não por mim;
 Que quando vós diseis—sim,
 Um não quisera eu então!

Já nem sei que bem vos queira,
 Nem que mais querer vos possa;
 Sede antes vossa que delle,
 Sede antes minha que vossa.¹

Rio—24 d'Outubro de 1846.

Foram estas voltas ambas improvisadas em um baile de mascaras, e a anedocta, a que ellas se ligam, fica já narrada na biographia do auctor.

II

*Não pôsso diser que não,
Não pôsso diser que sim.*

GLOSA.

Disem que o amor é vendado,
Que tem feros passadores,
Com que aos proprios servidores
Tem por veses desgraçado:
Porque heide ter esse fado,
Que tem sempre a dôr por fim!
Amais ao amor, não a mim:
Pois se a elle só amais.

Por mais que vós me digais
«Não posso dizer que sim».

Não pôsso. e bem desditosa!
Conheço que a só ventura
Que desfructa a creatura,
Vem d'uma affeição mimosa:
Eu que sou bem extremosa,
Que já sinto a ingratição,
Vou soffrendo esta paixão:
Se sois meo por amor della,
Eu que amo a vós, não a ella,
«Não posso dizer que não».

Assim vivo descontente
Sem saber o que farei,
Nem sequer ao menos sei
O que seja mais prudente
Com este fado inclemente
Qual será meo pensamento.
Diser-vos: *não*; é tormento;
Diser-vos—*sim*—é loucura!
Assim que, já sem ventura
Vivo neste soffrimento.

Fôra brando o meo viver

A não vos ter conhecido,
 Porque então um bem perdido
 Não me fiserá soffrer.
 Disei-me o que heide diser;
 Brada-me *sim* a paixão,
 Minha alma grita-me *não*:
 Nesta dura alternativa
 Sinto dôr sempre tão viva,
 Que merece compaixão.

Rio—1 de novembro de 1846.

PERGUNTA.

Quisera eu saber noticias
 Á respeito de um tal *sim*,
 Que foi n'uma volta, aonde
 Devêra não ir sem mim.

6 de novembro de 1846.

III

➤ *Não quisera ser tão firme,
Para ser mais venturosa.
O que outras ganhão por falsas
Perco eu por ser constante.*

GLOSA.

É por ventura rasão
Que aquellas que são voluveis
Tenhão, sós, indissolueis
Amores por galardão?
Assim pois minha paixão
(Que se queira Deos ouvir-me)

Nunca tem de permittir-me
 Gosar sequer um instante
 O premio de eu ser constante.
 «Não quiséra ser tão firme.»

Bem me diz o coração
 Que a constancia cança a ingratos
 De voluveis nunca fartos,
 (Que voluveis todas são);
 Sentir constante paixão
 É de uma alma melindrosa,
 Mas a mulher que é formosa,
 Que em amores se retracta,
 Oh! não é falsa! é cordata
 «Para ser mais venturosa».

É bom de ser inconstante;
 Ama a lua ao sol esquivo,
 Ama a flor ao fugitivo
 Vento que sopra um instante,
 Assim tu, alma constante,
 Quando as azas despedaças
 Do amor, que jamais de lasso
 Se não poderão mover,
 Ignára—queres perder
 «O que outras ganhão por falsas».

Só me queixarei de mim;
Se ora soffro o meo soffrer;
Porque nunca quiz eu ser,
Ou fingir que eu era assim.
Perderei, Senhor, por fim
O meo amor tão brilhante,
Muito embora nova amante
D'esse amor, que despedaças,
Luere retalhos por falsas,
«Perea eu por ser constante».

• IV

*Finos cabellos prenderão
Pulsos que ferros quebrarão.*

GLOSA.

Á Alcides, de quem tremerão
Feros gigantes outr'ora,
D'Omphale—altiva senhora—
«Finos cabellos prenderão»:
Esta a rasão, que nos derão,
Mas se heroes no chão rojarão,
Dir-vos-hei que os não prostrarão

Finos cabelos; mas antes
Renderão provas constantes
«Pulsos que ferros quebrarão.»

1846.

7

•

V

Não sou fera. sou humana!
Sinto amor e sei amar!

VOLTA.

Diseis vós que não sois fêra.
E certo mereceis fé;
Que o vosso rosto formoso
Rosto de fêra não é.

Mas diseis que sois humana!
Qu'importa que seja assim.

Se humana sois para outros,
Deshumana para mim!

Sentis amor! bem o creio:
Tem perfume a linda flor,
Ledas aves tem gorgeios,
Mulher bella tem amor.

Mas a flor só tem perfume:
Só sabe a ave cantar;
Sois como a flor, como a ave,
Sabereis acaso amar?

SATYRAS.

EPISTOLA.

DESCRIPÇÃO DE PITÕES.

Ao Pinheiro immortal—ao doce filho
Da candida Minerva, que de loiros
Tem um ramo abixado pequenino
Neste anno—todo em ferias engrolado.
Envio meo saudar—meo canto envio.

Queres vir-te sepultar
N'uma terra malfadada

Onde não ha que gosar
A não ser triste queijada
Que é pior que o rosalgar?

Quem d'isto se agradaará?
Deste aborto da natura,
E do que se faz por cá
Vou-te faser a pintura,
E se te agrada, vem já.

Em signal de religião,
Com quanto com grande magoa
Este bom Povo Christão
Resolveo não chegar agoa
Nem aos pés—nem ao carão.

Da lingua lusa coitada
E do immundo gallego
Fasem tal moxinifada
De que tu terias medo
Sem poderes pescar nada.

Pelas ruas mansamente
Passeia o novillo, a vacca.
E durante a noite algente

Pela serra o lobo ataca
A um christão civilmente.

Que erro tão saliente
Da extraviada natura!
Que a gente fuja da gente,
E que o lobo mais prudente
Ame tanto a creatura!

E aqui o vinho é tal,
Quando o ha, que é alcatrão,
E Bacho dá-se tão mal
Que aos da sua devoção
Faz ter jejum natural.

E a Deosa da Poesia
De tisonada rubra tez
Levanta a cabeça fria
D'entre as caldas do Gerez,
Que é do povo a sympathia.

O Deos Apollo é baldado,
Não tem seos raios calor.
Não ha'qui verão torrado.
Porém o inverno gelado

Domina como senhor.

E chove tanta geada
 Durante a fria estação,
 Que se não póde ver nada,
 Nem se póde ter entrada
 Em qualquer habitação.

Cobre a terra a neve dura,
 Corre o ar frio que estafa,
 E do colmo á dependura
 Cahida neve—figura
 Immensa gruta de Staffa!

Não reinão *fados* tambem
 Neste Pitões—tão amigo,
 Que amigo não tem ninguem,
 Não me lembra mais—que digo,
 E se isto te agrada vem.

Estás aqui—estás na Gallisa.
 Isto vai—em note bem:
 E quem de carne precisa
 Come enfumado presunto
 Ou mata em casa e faz bem.

A CERTA AUTORIDADE

QUE AMEAÇOU OS MUSICOS POR TEREM TOCADO NO ANNIVERSARIO DA
INDEPENDENCIA DE CACHIAS.

Eu julguei que o fausto dia
Desta nossa independencia
Merecesse mais clemencia,
Quando não sympathia,
Desta nossa fidalguia
De Cachias!
Mas por minha alma que não.
E não sei
Por que peccados;

Mas é certo que um coitado

Coronel

Presumpçoso,

E medroso,

E cruel,

Que só sabe pintar letras,

Ordenou á nossa orchestra

De ser muda neste dia,

Ou do contrario a faria

Recrutar,

Ou tocar

Nas masmorras do quartel!

Certamente

Nunca vi

Bemtevi

Tão demente!

Pois, coronel tresloucado,

Queres metter na enxovia

Os filhos da Melodia,

Só por haverem tocado

Em tão magestoso dia?

Não o creio--mas parece

Que ouvil-os te aborrece,

Que ouvil-os te não recreia,

Ou que amigo, ou que parente,

Amado mui ternamente

Tens preso lá na cadeia.

Realmente,

Coronel,

•

Tens uma alma
Bem cruel,
Tens uma alma
Pavorosa,
Que não gosa
Deste mundo
Senão quando
Escuta o grito
Miserando
E profundo
De um afflicto
Sem delicto,
Que geme,
E suspira,
E delira
Em masmorra
Cruel.

III

AO GRANDE LITTERATO HOMEOPATHICO
DR. VELLUDO.¹

Disem que o velho Diogenes
De novo ao mundo voltou
Com sua lanterna acesa,
E a Guanabara chegon.

«Quem é, pergunta elle, aqui
Um doutor pilha-bonito.

¹ Foi publicada no *Diario do Rio* de 18 de janeiro de 1862, com o pseudonymo—*um Eellenista*—, e como traducção de Aristophanes.

Panegyrista *quand-même*
De Frei Bernardo de Brito?»

— «*Ecce homo!*» — lhe dizem.
«Doutor aquillo?» — «Oh se é!
Faz plagios, copia, imprime
Volumes que ninguem lê.

«É o moderno Tostado,
E em finanças não Zote,
Grande home'em tudo e por tudo,
In utroque, utraque, utroque!»

«*Eureka!* interrompe o Grego;
Dava p'ra o vêr uma perna!
Achei um asno ás direitas,
Posso apagar a lanterna.»

IV

AO DOUTOR DOS MANUSCRIPTOS.

PETIÇÃO.¹

Senhor! umas pobres traças
Dos fundos do Garnier,
Que lá estavam certo dia,
Quando sua senhoria
Lá foi faser não sei quê,
Maldisem sua má sina
Ao lembrar seos doutos ditos

¹ Sahiu publicada sem nome de autor no *Correio Mercantil* de 23 de janeiro de 1862.

De ir vender seos manuscriptos
 Ao imperador da China;
 E isto. . . oh vergonha! oh! dor!
 Porque de quantos governos
 Ha neste mundo de Christo,
 O nosso, já está bem visto,
 Que é de todos o peor.

Pois as sobreditas traças,
 Com o respeito devido,
 Lhe pedem seja servido
 Revogar taes ameaças,
 Attendendo ao seo direito,
 Que humildes passão a expor!

D'abord, parece mal feito
 Que um tão inteiro sujeito,
 Como é vossa senhoria,
 Homœopatha e doutor,
 Honra e gloria da Bahia,
 E brasileiro como é,
 Revele desses segredos,
 Que nos dão sustos e medos.
 Em casa do Garnier!

Eis que França e Inglaterra

E americanos tambem
 Ligão-se e em larga sucia
 Por mar em fóra lá vem
 Á esta terra de mouros;
 E perguntão: «Quem os tem
 Esses divinos thesouros?
 Venha aqui o doutor Plagio
 A no-los vender. *God-Dam!*»
 E apenas aqui chegados,
 Ficão todos endiabrados,
 E socco velho, armas, fogo,
 Murros e queixos quebrados,
 Guerra e sangueiras fataes. .
 E de tantos males causa
 Sereis, ó Marcos Miraes!
 Mas se isto não acontece;
 Estas muitas supplicantes
 Não podem soffrer caladas
 Epygrammas fulminantes
 Contra este pobre governo!
 É um governo paterno,
 Senhor doutor,—pai e amigo
 Do povo traça—modelo
 De quantos governos ha!
 Pois qual outro ajuntará
 Com cuidados incessantes
 Essa immensa papelada,
 Que é pasto, cama e morada
 Destas cujas supplicantes?!

E eis as rasões per que
(Fôra mil outras rasões
Que offendem a cortesia)
Parecem indiscripções
O que vossa senhoria
Disse ao senhor Garnier. -

V

A' PARTIDA DA ACTRIZ.

SAUDADES DE UM DILETTANTE Á SENR.^a C. MERECA.¹

Os filhos de S. Pedro a ausencia dura
Longo tempo escrevendo memorarão,
E por lembrança em timida brochura
As grinaldas tecidas transformarão;
O nome lhe puzerão sem ventura
Dos triumphos da actriz que já passarão:
Que fresco o livro tal! que frescas flores!
Versos sem graça, palmas sem verdore.!

PARODIA DE CAMÔLS.

—Que tanta tristeza é esta?
«Não sabeis o que ha de novo!»

¹ Tendo-se dado, em 1848, no theatro lyrico do Rio de Janeiro renhida contenda entre o empresario e a actriz Mereca, e e-

«Anda afflicto todo o povo.
—Santo Deos, porque rasão?!

«Aquella boa menina
Pequenina,
A Merea seductora
Vai-se embora
Mar em fora. . .»

—«Santo Deos! porque rasão?

«Nem eu, nem ella o sabe;
São cousas de bastidores;
Choverão versos e flores,
Foi solemne mangação!
Porem a doce menina

Pequenina,
A Merea seductora
Vai-se embora
Mar em fora,
Santo Deos! sem ter rasão!»

«São Pedro que adivinhára
Os manejos da menina,

cupou-se o jornalismo mais do que devia com taes bastidor. Pozeram termo a estas massantes polemisticas a recisão do contracto e partida da actriz pa video. Por essa occasião publicou o nosso poeta a setyra no *Correio da Tarde*, não sei se de motu proprio ou por encargo do proprietario do jornal, e assignado por Ignacio P. da Costa, proprietario do jor-

A. H. L.

Cinco contos lhe offertára
 Pela sua voz divina,
 Cinco contos!—passa fóra!
 A Merea seductora
 Vai-se embora
 Mar em fóra:
 Sim, senhores: vai-se embora,
 Porque não?»

Cinco contos! bagatella!
 Qualquer ministro de estado
 Talvez outro tanto tem:
 E do mesquinho ordenado
 Nunca lhe coalha vintem!

Pois passem bem, que a menina
 Pequenina,
 A Merea seductora
 Vai-se embora
 Mar em fora!
 Sim, senhores, vai-se embora!
 Tem rasão.

Pois uma artista que tem
 Bilhetes que repartir.
 E vestidos de velludo

Que vestir;
 Tendo muitas, tendo ensaios
 Com mantilhas de setim! . .
 É de rir?
 Cinco contos! essa é boa!
 Mais vale cantar atôa,
 Que jamais cantar assim:
 Pois passem bem, que a menina
 Pequenina,
 A Merea seductora
 Vai-se embora
 Mar em fóra,
 Sim, senhores, vai-se embora.
 Porque não?!

São Pedro, triste porteiro,
 Das pobres economias
 Não póde partir fatias
 Tão grandes, de pão de ló,
 Porem a aurea menina
 Pequenina
 Nem de um santo quer ter dó.
 «Adeos, lle diz, sou cantora,
 «Seductora
 «Vou-me embora;
 «Mas vós me dareis rasão.

«Bem sabeis. porteiro amigo,

«Minha mãe mora commigo.
 «E meu padastro tambem
 «Sou menor . . . «(E bem se via
 Que a menina não mentia
 Quando menor se dizia:
 Era menor que ninguém!)
 «Bem vedeis que sou menina,
 Pequenina:
 «Adeos, meo guarda portão!
 «Bem sabeis que sou cantora
 «Seductora.
 «Vou-me embora;
 «Mas vós me dareis rasão.»

—«Dar-vos rasão! grita o santo:
 Quem foi que este mundo fez?
 Não foste vós, Deos prudente?
 Quando tres quartos de gente
 Pedo ordenado de tres!
 Bem sei eu que uma menina,
 Pequenina,
 Tem rasão em a não ter;
 Mas se a vós, minha cantora
 Seductora,
 São Pedro vos manda embora,
 Com São Pedro, inda alguma hora
 Vireis de certo aqui ter.»—

VI

QUE COUSA É UM MINISTRO.

I

O Ministro é a phenix que renasce
Das cinzas de outro, que lhe a vez cedeo:
Nasce n'um dia como o sol que nasce,
Morre n'uma hora como vil sandeo!

Se nodos tem, uma excellencia as caia:
Mortal sublime, que não sabe rir,
Do vulgo inglorio não pertence á laia.
Dará conselhos, se se lhe pedir!

Um bipede de pasta, não de barro,
 Nos pés se firma por favor de Deos!
 Dois fardas-rotas trovão tras do carro
 Em ruços magros como dois lebréos

Agora, sim: temos a patria salva,
 Não fará este o que ja o outro fez!
 Grande estadista! basta ver-lhe a calva,
 D'homem assim não ha diser—talvez!

Vede-lhe a pasta, que de cheia estala
 Só de projectos que farão feliz
 -A patria ingrata, que seos feitos cala,
 Ou mais que ingrata, o nome seo maldiz!

Vede-lhe o sacco—carga de um jumento,
 Com borlas d'ouro e verde!—No costal,
 Castigo do ordenança, lê-se attento
 Projectos mil! secretaria tal!

Cançai-vos pois!—Quem veste aquella farda
 Hade faser o que mui bem quiser!
 Vem-lhe com ella uma sabença em barda!
 Por isso acerta, quando Deos la quer!

Se lhe lanças baldões na propria cara
 Diz a alguém que o deffenda, e chega a si
 Com intrinseco amor a pasta cara,
 E exclama: «ó patria, morrerei por ti!

Ó Codros, Cursios, Fabios, Cincinatos,
 Carunchosos heróes da antiga historia,
 Vinde-me aqui, e ponde-vos de rastos
 Junto deste que vence a qualquer gloria!

Pois que farieis vós? Verter do peito
 O melhor sangue. pela patria acabar!.
 Imbecis!--pois mais vale com proveito
 Da patria á custa a vida flautear!

Ou se não, vede-me este que anafado,
 Nedio, de cara alegre, animo audaz!
 Faz de si quando quer um deputado,
 Ministro quando quer! Mas que mal faz?

Notas-lhe a fronte de cuidados cheia,
 Nuvens e nuvens vedes hi passar,
 Como na praia turbilhões de areia,
 Como em tormenta os vagalhões no mar!

Grande homem! disse: que temor te affronta?
 A não do Estado salvarás talvez! . . .
 Qual não do Estado?! é a horrorosa conta
 Dos riços magros, que alugou por mez!

II

Basta enfim, que é mortal feito com pasta,
 Fardado, com tetéas, com galão!
 Trata-se de comer—nada lhe basta:
 Mas disem que é sujeito á indigestão!

Trata-se de fallar!. Applaudé-o junta,
 Em peso a maioria,—homem feliz!
 Mais modesto que o Grego não pergunta,
 Tem a certeza de que asneira diz!

Trata-se de escrever!. Vede em que espaço
 Fôlhas e folhas de papel encheo!
 Cem vezes mil em ruim papel de almaço
 Soberbo assigna o nome illustre seo!

Mas n'um dia nefasto, a turba multa
 Irosa vai-se á estatua do immortal.

Com duro sparto o illustre collo insulta
Tê dar com elle em fundo lodaçal!

Logo, farda, florete, pendrucaelhos,
Vão para um canto a criar mofo lá!
Limpa-se o carro! pensão-se os cavallos,
Memento, homo!—Está bem morto já!

Mesmo os sendeiros dos dois fardas-rotas,
Na rua empacão, sem querer seguir!
Debalde os tosão co' o tacão das botas,
Deitão na rua a papelada: é rir!

Agora, pois, que não ha dessa gente,
Vão nossas cousas caminhar a sós!
Mas que poeira vê se de repente
Lá no horisonte em direitura a nós!?

Inda um ministro!. grande Deos bemdito!
Doirado d'inda agora, e fresco, e assim
Vem tão contente de se ver bonito,
No olhar parece que vos diz... Eu sim!

Eia, depressa! meos dois fardas-rotas,

Toca de novo pasta e sacco a encher,
 Dá-lhe que dá-lhe co' o tacão das botas
 Tras do ministro largando a correr!

E eis-o que passa o homem d'outro barro!
 Que tem dois pés; mas por favor dos céos!
 E os dois fardas-rotas lá vão tras do carro,
 Nos rocins magros, como dois lebreos!

III

Bipede, sim; mas a cair debruços,
 Não poderia ter-se em pé jamais,
 Por isso marchão na vanguarda os ruços,
 Sem terem culpa, pobres animais!

Disem tambem; mas não o dou por certo,
 Que um desses lesmas, já assim fallou—
 Foi um discurso de zurrar aberto,
 Do senado um tachygrapho o tòmou.—

«Ó tu que tens de humano o gesto e o peito,
 Se de humano é matar um bixo feio
 Só porque o costado tem sujeito

A quem lhe soube pôr o sujo arreio,
 A estas mataduras tem respeito:
 Pois te não move a rigidez do freio!

«Põe-me onde se use toda a crueldade,
 Entre leões e tigres, e verei
 Se nelles achar posso a piedade,
 Que em peito de ministros não achi!
 Ali co'amor intri'seco e vontade
 No capim por que morro, viverei!

«Pois de algum deputado a resistencia
 Sabes domar, sem ser com fogo ou ferro.
 Sabe tambem dar vida com clemencia
 A quem para perdê-la não fez erro.»

Mais ia por diante o moustro horrendo
 Com o sermão, que ninguem lhe encommendára
 Quando inimiga mão lhe foi batendo
 Com o chicote estalador na cara!

INDICE

DO

PRIMEIRO VOLUME.

PROLOGO V

BIOGRAPHIA DE A. GONÇALVES DIAS.

Dedicatória XI

ANTONIO GONÇALVES DIAS.

I XIII
II XXI
III XXV

VERSOS MODERNOS

1861—1864.

Eslancias 1
Oh! que acordar! 7
Se muito soffri já, não m'io pergunte 11
No jardim! 15
A baunilha! 19
Se te amo, não sei 21
Como! és tu? 23
A minha rosa 27
C'iumes 26
Tens mais poesia 33
D. Emilia 35
É alegre a flor que brota 39
Seo nome (imitação) 43
Amor de arabe 45
Minha terra! 47



VERSOS ANTIGOS.

1844—1852.

VISÕES, MONOLOGOS E OUTROS.

I O indio.	51
II O satellite	59
Ausencia. .	63
No album de meo amigo José Hermenegildo Xavier de Moraes	67
Orgulho avarosa	71
No album de meo amigo Antonio Cardoso Avelino.	75
I Á restauração do Rio Grande do Sul, e ao nascimento do herdeiro presumptivo	79
II Ao anniversario da independencia do Maranhão.	83
III Ao anniversario da independencia de Caxias.	87
Tristes recordações .	91
Ao anniversario de D. F. S. R.	95
A violeta (no album de A. G. O. C.)	97
Ao casamento da filha do Sr. Norris	99
Consente-me escrever aqui meo nome!	101
No album de D. Luiza Amat	103
Tu não queres ligar-te commigo .	105
As artes são irmãs	109
No album de D. America P. R. Lopes.	111
Fragmento	113

POEMA AMERICANO.

Fragmento	117
POSSEIDON.	129

SONETOS.

I A Esmeralda	135
II A Claudio Frollo	137
III A Quasimodo	139
IV A <i>Notre-Dame</i> , de Victor Hugo	141
V Ao anniversario natalicio de S. M. I.	143
VI	145
VII	147
VIII	149
IX	151
X	153
Epigramma-- a um academico da escola medico-cirurgica do Porto .	155

HYMNOS.

Hymno ao dia 28 de julho	159
Hymno dos Reis Magos.	163

VOLTAS E MOTTES GLOSADOS.

I	167
II	169
III	173
IV	177
V	179

SATYRAS.

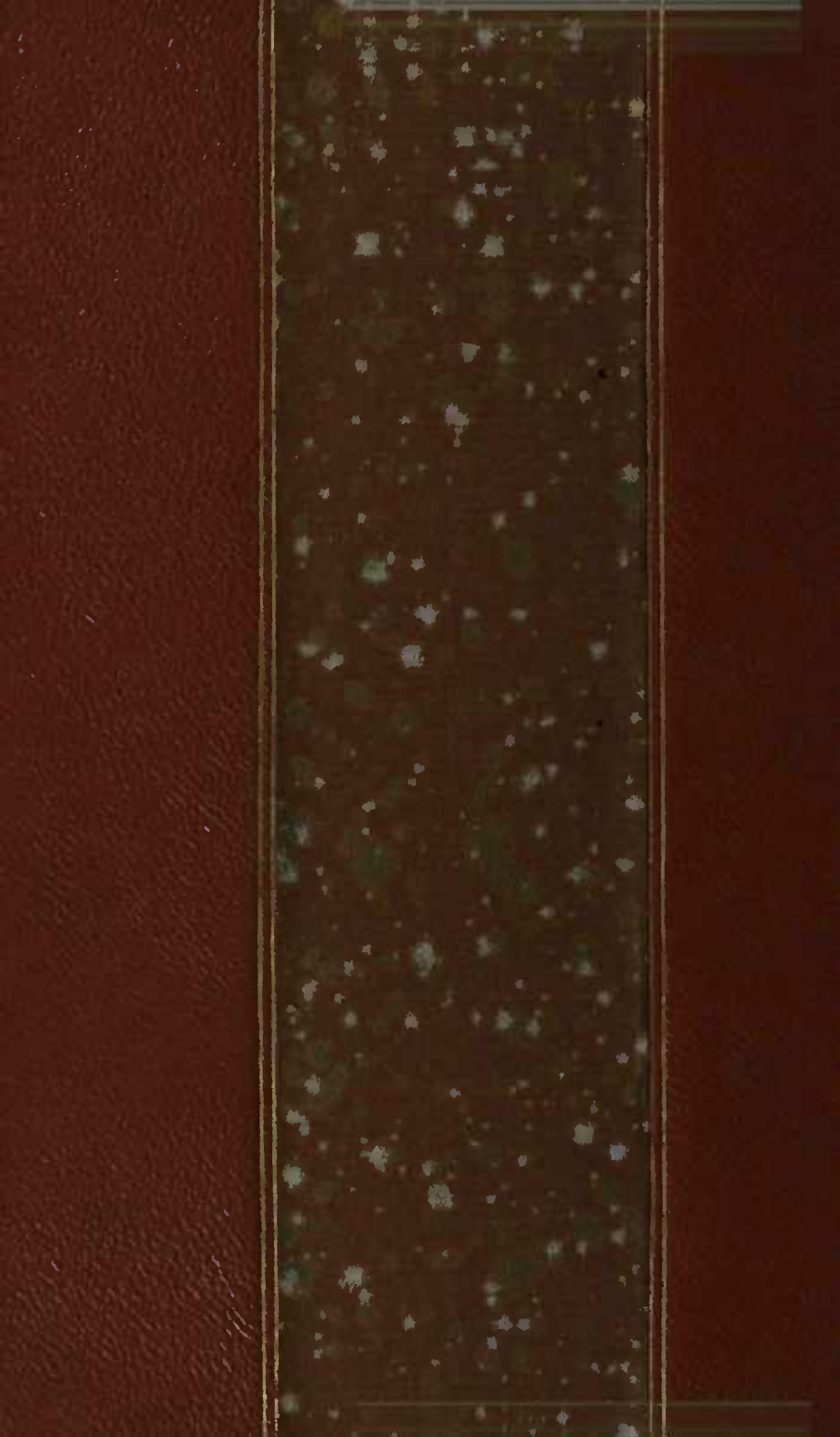
I Epistola—descripção de Pitões.	183
II A certa autoridade que ameaçou os musicos por terem tocado no anniversario da independencia de Caxias	188
III Ao grande litterato homeopatico Dr. Velludo	191
IV Ao doutor dos manuscripts.—Petição.	193
V A partida da actriz.	197
VI Que cousa é um ministro	203

ERRATAS.

PAG.	LINHAS.	ERROS.	CORRECÇÕES.
XXIII	7	veio	vieram
	20	vio	vín
XXXII	11	ausencia	ausencia
LI	21	publicado	publicado
25	10	fação	faça
28	7	os	as
35	11	arbusto	arbusto
71	4	Brôa	Trôa
77	13	1865	1845
82	6	Braganea	Bragança
83	8	Pur	Por
85	4	nfanos	nfanos







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).